

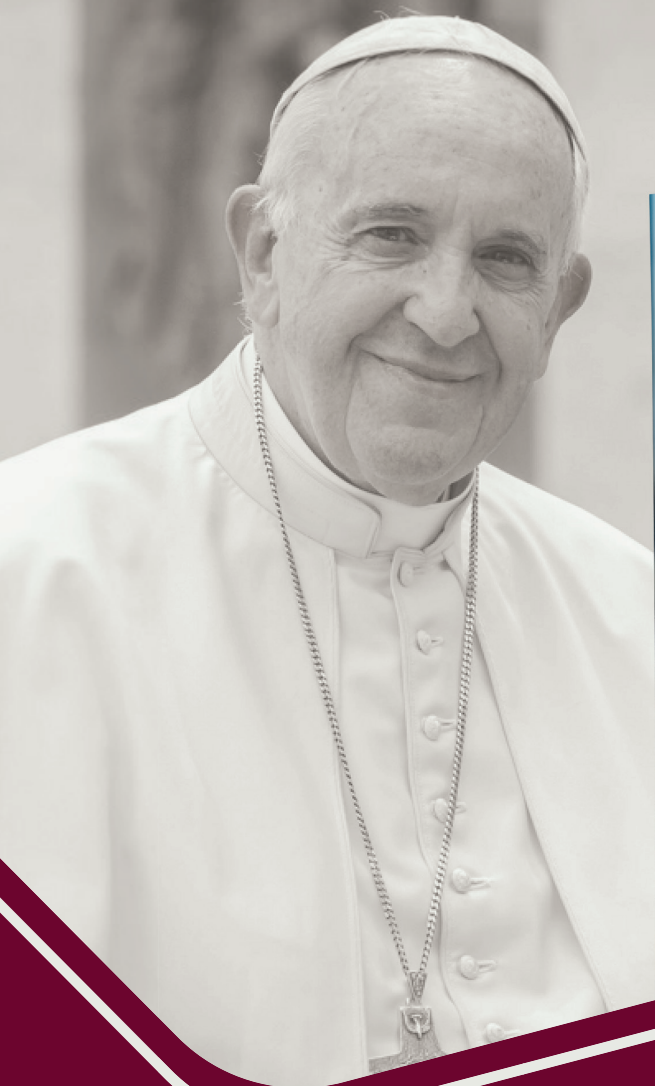
vida pastoral

maio-junho de 2023 – ano 64 – número 351



DEZ ANOS DO
PONTIFICADO DO
PAPA FRANCISCO:

o sonho da conversão sinodal



O IMPORTANTE RESGATE DO HUMANISMO EM DEFESA DA VIDA

A obra reflete sobre a urgência de um novo humanismo. A publicação reúne diversos artigos de estudiosos sobre o tema, além dos pensamentos do papa Francisco. O pontífice ressalta atitudes que contrastam intensamente com o cenário atual e sugere a possibilidade de um novo modo de vida. A obra é indicada para estudantes de sociologia e teologia, para seminaristas e postulantes à vida consagrada, professores de teologia e de escolas católicas.

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!



Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

**vida
pastoral**

Era quarta-feira, 13 de março de 2013. Chovia e fazia frio em Roma. Acompanhá-vamos pela TV o movimento na praça de São Pedro. A multidão, com guarda-chuvas abertos e *smartphones* ligados – pareciam velas acesas –, aguardava o anúncio do novo papa.

Após o solene *Habemus Papam*, sob aplausos surge na varanda um senhor de sorriso discreto, com olhar quase assustado e aparente leveza, no vestir e no falar. Para quebrar o gelo da formalidade, em tom bem-humorado, depois de um “buona sera” (boa noite) com sotaque, brinca: “Parece que os cardeais foram buscar o papa no fim do mundo”. Jorge Mario Bergoglio, que doravante se chamaria Francisco, referia-se à sua terra natal, Argentina.

O “fim do mundo”, para além de uma frase com humor, pode ser lido na perspectiva da ruptura quanto às sucessivas escolhas dos papas na vitrine eurocêntrica. O deslocamento da escolha para a América Latina é, de fato, um giro para a periferia do mundo.

Desse “fim do mundo” quis o Espírito Santo dar novo impulso à sua Igreja na figura do carismático, corajoso e ousado Francisco. A escolha do nome Francisco seria o primeiro sinal de que o seu pontificado imprimiria um ritmo de diálogo, simplicidade, austeridade e reformas contundentes desde a complexa estrutura da Cúria romana. No século 13, o pobrezinho de Assis, o Francisco que inspira Bergoglio, sentira o mesmo apelo: “Reconstrói a minha Igreja”.

O famoso lembrete proferido pelo então cardeal dom Cláudio Hummes (*in memoriam*) a Bergoglio, de que “não se esquecesse dos pobres”, evoca a mesma recomendação dada ao apóstolo Paulo nos primórdios da propagação do Evangelho. “Nos recomendaram apenas que não nos esquecêssemos dos pobres, o que também tenho me esforçado por fazer” (Gl 2,10).

Passados dez anos do seu pontificado, o esforço de Francisco não foi outro senão a preocupação, em primeiro lugar, com os preferidos do Senhor: pobres, migrantes, refugiados e todos os que vivem nas periferias geográficas e existenciais.

A preocupação com os desafiantes problemas da “casa comum”, com a fraternidade universal, com o pacto pela educação e com uma economia que esteja a serviço do cuidado da humanidade e da criação em geral revela o coração do papa. Na fase aguda da pandemia da covid-19, Francisco suplicou aos chefes das nações que, antes da preocupação com o mercado, atendessem às necessidades dos que mais precisassem.

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas a uma Igreja enferma pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos (EG 49).

Dentre os grandes temas do magistério do papa Francisco, esta edição de *Vida Pastoral* destaca quatro: 1. *A reforma litúrgica*, apresentando a concepção de liturgia de Francisco a partir da compreensão de liturgia da constituição *Sacrosanctum Concilium*; 2. *O sonho de uma igreja sinodal*. Considerando o desejo de Francisco de uma conversão pastoral, o texto também questiona a proposta precipitada de um “rito amazônico” e apresenta o magistério do papa como aquele que abriu portas para “uma Igreja em saída” do cativeiro colonial; 3. *A perspectiva dialogal na trama da vida* aponta Francisco como pioneiro no trabalho em favor de nova “solidariedade universal”. Ele vem reiterando, em vários trabalhos e falas, a importância da interligação entre todas as coisas; 4. *A comunicação* do pontífice, em sua forma genuína de dialogar com o mundo, e os avanços da Igreja no ambiente digital.

O “rezem por mim”, pedido frequente de Francisco, desde a sua primeira aparição na sacada do Vaticano, convoca-nos para uma vida de oração. Rezemos pelo papa. Que ele siga lúcido, saudável e corajoso. E todos nós nos esforcemos por uma Igreja verdadeiramente sinodal.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 64 - Nº 351
maio-junho de 2023



© PAULUS – 2023
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Jornalista responsável
Valdir José de Castro, ssp

Direção editorial
Darlei Zanon, ssp

Editor
Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Redação
vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial
Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Darcy Luiz Marin, ssp
Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Darlei Zanon, ssp

Imagens
Romolo Picoli Ronchetti

Imagem da capa
Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação
Philippe Silva Ribeiro dos Santos

Revisão
Alexandre Soares Santana
Tiago José Risi Leme

Impressão - PAULUS

Versão digital
vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.
Área:
Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Sumário

O PAPA FRANCISCO E A REFORMA LITÚRGICA..... 4
Francisco Taborda

O SONHO DA CONVERSÃO SINODAL..... 10
Paulo Suess

A PERSPECTIVA DIALOGAL NA TRAMA DA VIDA..... 18
Faustino Teixeira

OS SESENTA ANOS DO CONCÍLIO VATICANO II E OS
DEZ ANOS DE PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO:
UM CAMINHO DE RESGATE COMUNICACIONAL..... 28
Neusa Santos

ROTEIROS HOMILÉTICOS 36
Marcus Mareano

Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 20 reais.
- O acesso ao *site* continua inteiramente gratuito: www.vidapastoral.com.br

Para contato:

paulus.com.br/loja
☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
☎ (11) 99974-1840
✉ assinaturas@paulus.com.br
f @ @ @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de Setembro, 61 – Campina (91)
3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA – RR

Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01
Centro
(95) 3212-5340 / 98122-0040
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
teresina@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

*Pe. Francisco Taborda, sj, é professor emérito da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), em Belo Horizonte-MG. Entre outras obras, publicou pela Paulus *A Igreja e seus ministros: uma teologia do sacramento da ordem* e pela Loyola *O memorial da Páscoa do Senhor*. E-mail: prof.ftaborda@gmail.com



O PAPA FRANCISCO E A REFORMA LITÚRGICA

O artigo pretende mostrar a concepção de liturgia do papa Francisco, os passos dados para restaurar a compreensão de liturgia da constituição *Sacrosanctum Concilium* e algumas decisões práticas que haviam sido descuradas.

1. O PROJETO DO PAPA FRANCISCO NO TOCANTE À LITURGIA

Quando Jorge Mario Bergoglio assumiu a função petrina, reinava, nos círculos romanos, forte resistência à reforma litúrgica. Quatro anos mais tarde, o papa Francisco, em discurso aos participantes da 68ª Semana Litúrgica Nacional da Itália (24/8/2017), apresenta o que pode ser considerado seu texto programático no que se refere à fidelidade da Igreja à *Sacrosanctum Concilium* (SC), constituição sobre a liturgia do Concílio Vaticano II.

Francisco inicia seu discurso com um retrospecto do Movimento Litúrgico a partir de Pio X até o Concílio, com menção especial às reformas de Pio XII, revolucionárias para seu tempo. Recorda as decisões do Concílio e sua implementação sob a orientação de Paulo VI. Concluindo esse retrospecto, Francisco afirma que não é hora de repensar a reforma litúrgica, mas sim de compreendê-la e interiorizar os princípios que a inspiram, o que requer formação contínua de todos os fiéis, a começar pelos pastores. Por fim, declara solenemente: “Depois desse magistério e após este longo caminho, podemos afirmar com certeza e com autoridade magisterial que a reforma litúrgica é irreversível” (grifo meu). Desde então se observa um percurso de restauração gradual do espírito e da letra da SC.

2. A TEOLOGIA DA LITURGIA

A audiência aos participantes da 68ª Semana Litúrgica Nacional da Itália, cujo tema era “Uma liturgia viva para uma Igreja viva”, foi oportunidade para Francisco expor com

clareza sua concepção de liturgia, que é a do Concílio. Embora se trate de mero discurso sem valor jurídico, esse texto deve ser reconhecido como central para a compreensão de liturgia do papa Francisco e ilumina os textos jurídicos que procuram voltar à intenção e às decisões conciliares.

1) *A liturgia é viva pela presença de Cristo*. Um dos artigos teologicamente mais importantes da SC é o nº 7, que enumera as diversas maneiras da presença de Cristo na liturgia. Quando se fala da presença de Cristo, imediatamente vem à mente a presença real sob as espécies de pão e de vinho. Como reação a Berengário de Tours (†1088) e posteriormente aos reformadores do século XVI, a Igreja católica inculcou fortemente – diria mesmo, exclusivamente – a presença eucarística. Se esta é – como dirá Paulo VI na encíclica *Mysterium Fidei* (3/9/1965) – a presença por antonomásia, não é menos real e verdadeira sua presença no ministro que preside a Eucaristia e na assembleia que a celebra. Cristo, porém, está presente também nos outros sacramentos, pois, conforme ensina Agostinho: “Quando Pedro batiza, Judas batiza, é Cristo quem batiza” (*Joannis Evangelium Tractatus VI, c. I, n. 7: PL 35, 1428*). Ou seja, o valor e a força dos sacramentos não residem na eventual santidade do ministro, mas no Senhor que atua por meio do ministro. Ora, se é o Senhor quem atua, então ele está presente. O mesmo, contudo, vale para a proclamação da Palavra, pois, mediante o ministro que a proclama, é Jesus que fala a seus discípulos. Aliás, em toda pregação do Evangelho, Cristo está presente

“Francisco afirma que não é hora de repensar a reforma litúrgica, mas sim de compreendê-la e interiorizar os princípios que a inspiram, o que requer formação contínua de todos os fiéis, a começar pelos pastores.”

com seu Espírito, pois, se compreendemos e acolhemos a Boa-nova, é a ação do Mestre interior, o Espírito de Jesus, que nos ensina e permite que a acolhamos e assimilamos (cf. Decreto *Ad Gentes*, n. 9). Por fim, toda vez que fiéis se reúnem em nome do Senhor, ele está presente, porque, “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles” (Mt 18,20). Todas essas formas de presença são reais e não mero “faz de conta”. E é essa presença que torna viva a liturgia.

2) *A liturgia é vida para toda a Igreja*. Com esse princípio, Francisco recorda uma asserção importante da SC:

As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é “sacramento de unidade” [...]. Por isso, tais ações pertencem a todo o Corpo da Igreja, manifestam-no, atingindo, porém, cada um dos membros de modo diverso, segundo a variedade de estados, funções e participação atual (SC 26).

Além disso, o papa reforça a ideia da participação de toda a Igreja (ministros e não ministros) na celebração litúrgica, aludindo à etimologia da palavra “liturgia”, que vem de *laós* (= povo eleito) e *ergon* (= obra, ação). A união desses dois morfemas evoca tanto uma ação em benefício do povo como uma ação do povo. De fato, a liturgia tem essas duas dimensões, descendente e ascendente: é uma ação de Deus que santifica e reúne seu povo e, por isso mesmo, uma ação do povo em adoração a Deus.

Há, no entanto, ainda outro aspecto a ser ressaltado, com base no texto da SC: em tão grande obra, pela qual Deus é perfeitamente glorificado e os seres humanos santificados,

Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada, a qual invoca seu Senhor e, por meio dele, rende culto ao eterno Pai. Com razão se considera a liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e realizam, cada um à sua maneira, a santificação do ser humano e é exercido pelo *corpo místico* de Jesus Cristo, Cabeça e membros, o culto público integral (SC 7; grifos meus).

Na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* (DD), o papa sintetiza de forma lapidar: “O sujeito que age na liturgia é Cristo-Igreja, o corpo místico de Cristo” (DD 15).

Com isso, o papa afasta a tentação de imaginar a liturgia como ação exclusiva do clero. Não só os ministros que presidem a celebração (ordenados ou não) devem ser considerados “celebrantes”, mas também a inteira assembleia, cada membro, de acordo com sua função e carisma. Aqui o papa toca um ponto crucial, no qual tem insistido desde que assumiu a função petrina: o combate ao clericalismo, que reduz a Igreja ao clero e desqualifica o restante do povo de Deus. Não é assim, como ensina Agostinho; senão que ser cristão, ser batizado, constitui nossa dignidade. O resto é responsabilidade de cada um e pode constituir um perigo, já que, quanto maior o encargo recebido, tanto maior poderá ser o mau desempenho e o fracasso.

3) *A liturgia é vida*, é uma experiência que deve ser vivida no momento de celebrar e, a partir daí, na vida cotidiana. Como sintetizou de forma muito feliz o teólogo calvinista holandês E. Van Waelderen: “Não há Eucaristia sem lava-pés”. Aliás, é a lição dos próprios Evangelhos: enquanto os sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) narram a instituição da Eucaristia na última ceia com o mandato: “Fazei isto em memória de mim”, o evangelista João traz nesse lugar a narração

do lava-pés com uma ordem paralela: “Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros” (Jo 13,14). À instituição da Eucaristia segue-se a ordem de realizar o rito; ao gesto concreto do lava-pés segue-se a ordem de praticar o que Jesus praticou: o serviço humilde ao próximo.

Muitas vezes a Igreja transformou em rito o que Jesus queria que fosse prática. Talvez por isso Francisco prefira celebrar a missa da Quinta-feira Santa não na basílica de São João de Latrão, como era costume, lavando os pés de clérigos, mas em algum local onde lava os pés de pessoas marginalizadas, como é o caso das cadeias de Roma.

Para que se vivencie a liturgia como ação viva e transmissora de vida, é necessário que se cultive uma formação permanente *para* a liturgia e *pela* liturgia.

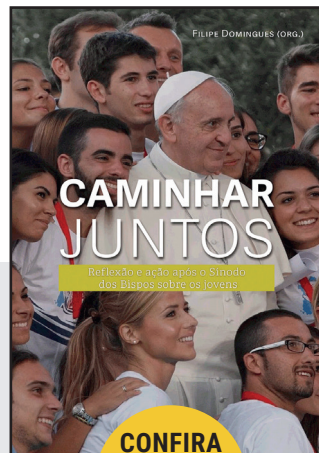
3. A NECESSÁRIA FORMAÇÃO LITÚRGICA PERMANENTE

A reforma litúrgica do Vaticano II jamais alcançaria seus frutos sem a formação litúrgica do povo de Deus. O Concílio teve consciência dessa necessidade (SC 15-19), e a revivescência das decisões conciliares no tocante à liturgia não pode efetivar-se sem essa formação. O papa Francisco percebeu, com razão, a urgência da formação litúrgica e procurou providenciar remédio com a Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* (29/6/2022).

O ponto de partida da reflexão proposta por Francisco é a participação ativa na liturgia como encontro com Cristo, pois, como já ensinava o papa Leão Magno, “o que no nosso Salvador era visível, passou para os seus mistérios”, os sacramentos (*Sermão na Ascensão do Senhor*, n. 72, 2, 1). Vale dizer: o Senhor vem a nosso encontro na liturgia, “por ritos e preces”, como recordava o Concílio (SC 48). É preciso que entremos na dinâmica ritual para compreendermos a liturgia, não de modo puramente intelectual, mas vivencial. O papa nos convida a “distinguir dois

Caminhar juntos: reflexão e ação após o Sínodo dos Bispos sobre os jovens

Filipe Alves Domingues (org.)



CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

136 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Uma coleção de artigos produzidos por brasileiros presentes na Assembleia do Sínodo dos Bispos que teve como tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. O objetivo da obra é ajudar líderes leigos, bispos, padres, religiosos e os próprios jovens em suas reflexões depois do Sínodo.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

aspectos: *a formação para a liturgia e a formação pela liturgia*. O primeiro está em função do segundo, que é essencial” (DD 34).

Formar-nos pela liturgia é vivenciar que nela o Senhor vem ao nosso encontro em sinais que estão em continuidade com a encarnação. Cabe captar os símbolos, que são realidades concretas como “pão, vinho, azeite, água, perfume, fogo, cinzas, pedra, tecido, cores, corpo, palavras, sons, silêncios, gestos, espaço, movimento, ação, ordem, tempo, luz”, coisas que são o oposto de abstrações espirituais (DD 42).

Se nos deixamos formar pela liturgia, percebemos, admirados, “a beleza da verdade da celebração cristã”, já descrita na SC 7: “a liturgia é o sacerdócio de Cristo a nós revelado e doado na sua Páscoa, hoje tornado presente e atuante mediante sinais sensíveis (água, azeite, pão, vinho, gestos, palavras) para que o Espírito, submergindo-nos no mistério pascal, transforme toda a nossa vida, conformando-nos cada vez mais a Cristo” (DD 21).

Formados pela liturgia, encontraremos a “arte de celebrar”, que não é meramente algo a ser executado por quem preside, mas “atitude que todos os batizados são chamados a viver” ao realizar unanimemente “os gestos e palavras que pertencem à assembleia. [...] Realizar todos juntos o mesmo gesto, falar todos juntos a uma só voz, transmite a cada um a força de toda a assembleia” (DD 51).

Entre esses gestos comuns, o papa acentua o silêncio, que “ocupa um lugar de importância absoluta” como “símbolo da presença e da ação do Espírito Santo que anima toda ação celebrativa”. Dessa forma, o silêncio litúrgico “muitas vezes constitui o ápice da sequência ritual” (DD 52).

4. RESTAURAÇÃO DAS DECISÕES CONCILIARES

A formação proposta exigia que se restaurassem algumas decisões conciliares abandonadas ou postas em questão no decorrer dos anos. Consideremos duas: a questão das traduções litúrgicas e a reforma da liturgia da missa.

A SC 36 abriu a possibilidade da *adoção das línguas vernáculas na liturgia*, abandonando parcialmente o uso do latim. No entanto, traduções litúrgicas são um problema delicado, pois requerem dupla fidelidade: ao texto original, que em geral nos foi transmitido por uma venerável tradição, e ao vernáculo, cujas características e beleza devem ser respeitadas pelo tradutor. Isso significa que a tradução não pode ser literal, pois se tornaria incompreensível, nem livre demais, a ponto de desfigurar o sentido do texto original. Desde o início se teve consciência do árduo e delicado trabalho que exigiria a tradução litúrgica. Em 1969, o cardeal Giacomo Lercaro (†1976), presidente do *Consilium* instituído por Paulo VI para implementar a SC, enviou aos presidentes das conferências episcopais uma carta em que comunicava ter-se chegado a um consenso sobre estilo e método da tradução de textos litúrgicos. Tratava-se de buscar uma “equivalência dinâmica” entre o original latino e a versão vernácula (cf. Carta *Comme le Prévoit*, 1969).

Em 2001, a Congregação para o Culto Divino publicou a instrução *Liturgiam Authenticam*, que se mostrou claro e grave retrocesso em relação ao Concílio. Nela se exigia a tradução literal dos textos litúrgicos, revogando as disposições anteriores sobre a “equivalência dinâmica”.

“A Igreja é devedora à persistência do papa Francisco por sua fidelidade à *Sacrosanctum Concilium*. Cabe a cada membro da Igreja acolher suas propostas – que são as do Concílio – para que floresçam, em seu esplendor, a beleza e a simplicidade da liturgia romana clássica, longe de rubricismos estéreis e de criatividade selvagens.”

Outro ponto delicado diz respeito a quem compete o reconhecimento e aprovação das traduções litúrgicas. Nos art. 22 §§ 1 e 2 e 36 § 4, a SC estabeleceu que caberia às conferências episcopais ou organismos equivalentes a aprovação requerida. Nada mais justo, pois esses organismos tinham a possibilidade de involucrar, no trabalho de tradução, pessoas que dominassem a língua vernácula. Entretanto, a Cúria romana, acostumada ao sistema centralizador até então vigente, atribuiu a si a correção e aprovação dos textos traduzidos. O Código de Direito Canônico de 1983, no cân. 838, transformou em regra essa prática.

Em 3/9/2017, o papa Francisco, por meio do *motu proprio* (MP) *Magnum Principium*, restabelece a vontade dos padres conciliares. O documento começa afirmando que o Concílio confiou aos bispos “a importante tarefa [...] de introduzir a língua vulgar na liturgia e de preparar e aprovar as versões dos livros litúrgicos”. Em decorrência, o papa modifica a redação do cânon 838.

Não obstante a clara intenção do papa com seu MP, o cardeal Robert Sarah, então prefeito da Congregação para o Culto Divino, houve por bem publicar um texto em que interpretava o documento do papa como se nada tivesse sido mudado (“Humilde contribuição para uma melhor e correta compreensão do MP *Magnum Principium*”, 1/10/2017). Num gesto sem precedentes, o papa reagiu com uma carta em resposta ao cardeal, em que não só rejeitava a interpretação dada por Sarah ao MP, mas também lhe determinava que fizesse pública a resposta papal em todos os *sites* em que havia aparecido a “Humilde contribuição” e enviasse o texto do papa “a todas as conferências episcopais, aos membros e aos consultores desse dicastério” (Francisco, Carta ao cardeal Sarah, 15/10/2017).

A segunda decisão que suscitou polêmica dizia respeito ao Missal composto segundo as determinações da SC e promulgado por Paulo VI. Progressivamente, abriram-se exceções,

permitindo o uso do chamado Missal de Pio V. É verdade que se tratava da sua edição retocada por João XXIII, às vésperas do Concílio, mas o papa tinha feito essa adaptação expressamente na espera da reforma definitiva que se aguardava fosse ordenada pelo Concílio. O uso do velho missal foi primeiro concedido aos padres idosos, acostumados a ele. Nessas condições, era uma concessão provisória, já que – mais cedo ou mais tarde – essa geração haveria de passar. A preocupação com o cisma de Lefebvre levou a concessões no uso das formas litúrgicas abolidas pela reforma de Paulo VI, até que Bento XVI chegou ao extremo com o MP *Summorum Pontificum* (7/7/2007), criando a estranha figura de uma “expressão extraordinária” da mesma *lex orandi*, da qual o Missal de Paulo VI seria a “expressão ordinária”. Escancaravam-se as portas para o uso indiscriminado do Missal anterior. Dava-se razão aos que propugnavam pela “reforma da reforma”.

Aproveitando a consulta feita aos bispos de todo o mundo sobre os eventuais frutos derivados da prática do MP *Summorum Pontificum*, de Bento XVI, Francisco houve por bem revogar a estranha figura jurídica criada por seu antecessor, segundo a qual seria possível a coexistência de duas expressões da *lex orandi* do rito romano. A partir do MP *Traditionis Custodes* (16/7/2021), já não se admite a coexistência de duas expressões da *lex orandi* do rito romano, mas uma única, a do Missal de Paulo VI, abrindo-se misericordiosamente exceções para o uso do missal anterior em casos e situações especiais, devidamente confinados para que não se expandam a círculos mais amplos.

* * *

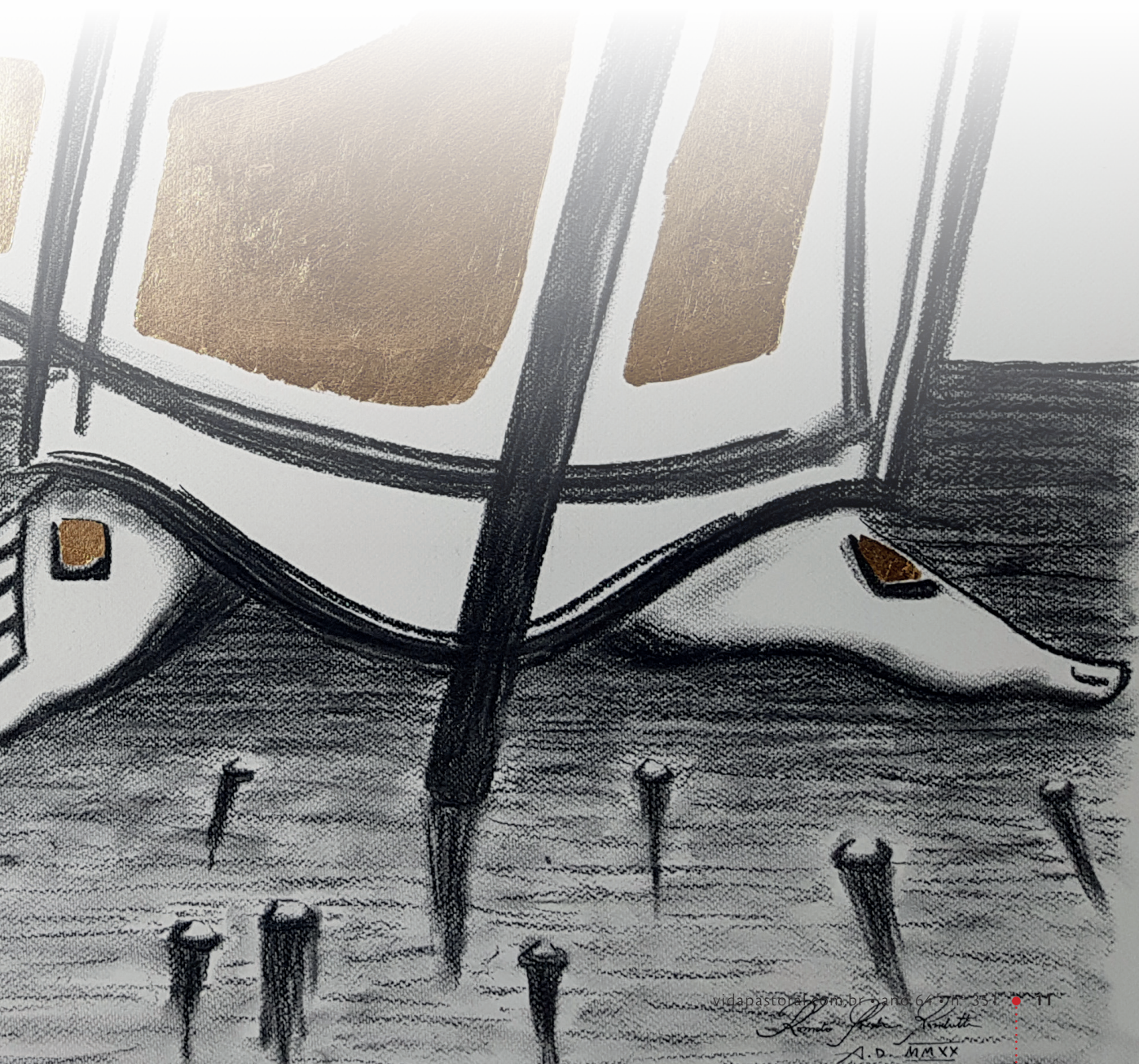
Assim, a Igreja é devedora à persistência do papa Francisco por sua fidelidade à SC. Cabe a cada membro da Igreja acolher suas propostas – que são as do Concílio – para que floresçam, em seu esplendor, a beleza e a simplicidade da liturgia romana clássica, longe de rubricismos estéreis e de criatividade selvagens. **vp**

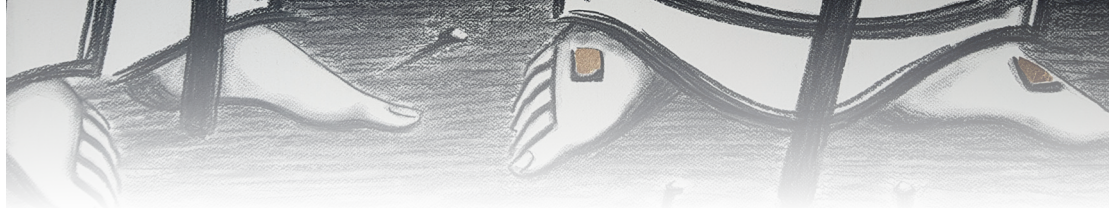
*Paulo Suess é doutor em Teologia Fundamental pela Universidade de Münster, na Alemanha. Foi professor de Missiologia em diferentes institutos superiores, secretário executivo e assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), presidente da International Association for Mission Studies (IAMS) e perito do Sínodo para a Amazônia. E-mail: suesspaulo@gmail.com

O SONHO DA CONVERSÃO SINODAL



Pedras preciosas e rochas de tropeço encontram-se no caminho tortuoso do Sínodo para a Amazônia (2019) até a 16ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (em duas sessões: outubro de 2023 e outubro de 2024). O texto procura ouvir setores inconformados com as mudanças propostas pelo caminho sinodal, questiona a proposta precipitada de um “rito amazônico” e dialoga com o magistério do papa Francisco, que abriu algumas portas para “uma Igreja em saída” do cativeiro colonial.





“O ITINERÁRIO DA SINODALIDADE SE INSCREVE NO HORIZONTE DA ATUALIZAÇÃO DA IGREJA, PROPOSTO PELO VATICANO II E INTERPRETADO PELO PAPA FRANCISCO COMO “CAMINHO QUE DEUS ESPERA DA IGREJA DO TERCEIRO MILÊNIO”.”

INTRODUÇÃO

O Sínodo para a Amazônia (2019) ocorreu no interior de um processo de reflexão sobre o passado, o presente e o futuro da Igreja católica na Amazônia e no mundo. Ainda antes da fundação da CNBB e da convocação ao Concílio Vaticano II, realizou-se o 1º Encontro Inter-Regional dos Bispos da Amazônia, de 2 a 6 de julho de 1952, por ocasião do 2º Congresso Eucarístico em Manaus. Vinte anos mais tarde, em 1972, seguindo uma série de encontros na região, ocorreu o primeiro Encontro de Santarém, denominado 4º Encontro Pastoral da Amazônia. Mediante “linhas prioritárias”, “programas de ação” e “serviços” até hoje válidos, o evento de Santarém incorporou inspirações essenciais do Vaticano II (1962-1965) na prática pastoral da Amazônia: encarnação, evangelização libertadora, formação de agentes de pastoral, comunidades de base, pastoral indígena, meios de comunicação social, estradas e frentes pioneiras (SANTARÉM I, 2014, p. 14-26).

Meio século depois, o Documento de Santarém II procurou, com “As diretrizes de Santarém para os tempos de hoje”, reforçar os novos caminhos já traçados pelo Documento Final do Sínodo para a Amazônia: “Se a admissão de pessoas casadas ao ministério de presidência da Eucaristia pode causar escândalo, afirmamos que escândalo maior é a privação que as comunidades sofrem sem acesso a esse sacramento” (SANTARÉM II, 2022, n. 44). Sobre a participação das mulheres nas comunidades da Amazônia, Santarém II propõe: “Que a voz das mulheres seja ouvida, que sejam consultadas, participem da tomada de decisões e

possam contribuir com sua sensibilidade para a sinodalidade eclesial” (*ibid.*, n. 47). “Reafirmamos a legitimidade da ordenação diaconal das mulheres e solicitamos este ministério para a Igreja na Amazônia” (*ibid.*, n. 48).

Santarém I e II fazem parte da gradualidade de uma reflexão eclesial e de sua prática sinodal que atravessam a região de um país (Encontro de Santarém pela Amazônia brasileira), de uma região continental (o Sínodo para a Amazônia, por meio da Assembleia Especial para a Região Pan-amazônica), de um continente (América Latina e Caribe, mediante a Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, na Cidade do México), até chegar à celebração do Sínodo da Igreja universal, a ser realizada pela 16ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, com sessões previstas para outubro de 2023 e outubro de 2024. Seu tema será a própria sinodalidade: “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”. O itinerário da sinodalidade se inscreve no horizonte da atualização da Igreja, proposto pelo Vaticano II e interpretado pelo papa Francisco como “caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (FRANCISCO, 2015).

1. O SÍNODO PARA A AMAZÔNIA (2019)

O Sínodo para a Amazônia realizou-se como Assembleia Especial para a Região Pan-amazônica, cujo território abrange parcialmente nove países no coração da América do Sul: Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa (SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 10). Na convocação do Sínodo para a Amazônia, em 15 de outubro de 2017,

o papa definiu como seu objetivo principal “identificar novos caminhos” para o povo de Deus, “especialmente dos indígenas”. O Sínodo acolheu esse convite e concluiu seu trabalho com um “documento final”: *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral* (DFSA).

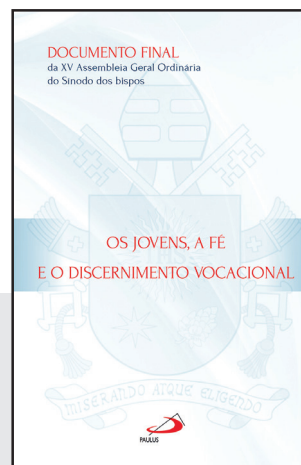
Por que novos caminhos? Porque, depois de quinhentos anos de presença da Igreja católica na Amazônia, ainda não surgiu uma Igreja autóctone com rosto amazônico. O Sínodo para a Amazônia procurou responder às causas dessa lacuna. Sem meias palavras, o Documento Final reconhece erros do passado e o dever da conversão:

Com ousadia evangélica, queremos implementar novos caminhos para a vida da Igreja e seu serviço a uma ecologia integral na Amazônia. A sinodalidade marca um estilo de viver a comunhão e participação nas igrejas locais caracterizado pelo respeito à dignidade e igualdade de todos os batizados e batizadas, pelo complemento de carismas e ministérios (DFSA 91). A defesa da vida da Amazônia e de seus povos requer uma profunda conversão pessoal, social e estrutural. A Igreja está incluída neste chamado para desaprender, aprender e reaprender, a fim de superar qualquer tendência a modelos de colonização [...]. É importante estarmos cientes da força do neocolonialismo que está presente em nossas decisões diárias (DFSA 81).

Os novos caminhos devem responder basicamente a dois desafios pastorais interligados: às distâncias geográficas e à diversidade cultural (cf. QA 32), ambos reforçados pela pastoral da visita, que precisa ser transformada em pastoral de presença (cf. DFSA 40), por não suprir o escasso atendimento sacramental prestado às comunidades afastadas dos centros urbanos (*Documento de Aparecida*, n. 100e). O Sínodo respondeu:

Os jovens, a fé e o discernimento vocacional: documento final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos

XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo



112 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

“Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” foi o tema abordado na XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada de 3 a 28 de outubro de 2018, em Roma. O documento relata a presença dos jovens como uma novidade: por meio deles, a voz de toda uma geração ressoou no Sínodo.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



“DEPOIS DE QUINHENTOS ANOS DE PRESENÇA DA IGREJA CATÓLICA NA AMAZÔNIA, AINDA NÃO SURTIU UMA IGREJA AUTÓCTONE COM ROSTO AMAZÔNICO.”

Muitas das comunidades eclesiais do território amazônico têm enormes dificuldades de acesso à Eucaristia. [...] Propomos estabelecer critérios e disposições por parte da autoridade competente, no âmbito da *Lumen Gentium*, n. 26, para ordenar sacerdotes a homens idôneos [...] podendo ter uma família legitimamente constituída (DFSa 111).

No Documento Final do Sínodo, cujos itens, antes de serem entregues ao papa, foram todos votados pela assembleia dos delegados, a “conversão integral” da Igreja se configura como palavra-chave, que se desdobra na conversão pastoral, cultural, ecológica e sinodal, na qual se entrelaça o clamor da terra, dos pobres e dos povos da Amazônia (DFSa 17ss).

O papa Francisco, desde o início de seu pontificado, convidou a Igreja a entrar nesse processo de conversão e a abandonar o “cômodo critério pastoral: ‘fez-se sempre assim’”, convidando “todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores” (Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* – EG –, n. 33). Após o Sínodo, os delegados voltaram para suas dioceses com a convicção de que grande parte de suas propostas de caminhar por novos caminhos seriam aceitas e transformadas em novas diretrizes pastorais.

2. OS SONHOS DA “QUERIDA AMAZÔNIA” (2020)

Uma “exortação pós-sinodal” como resposta do magistério a perguntas que esse mesmo magistério, por meio de um sínodo e de um questionário prévio, fez ao povo de Deus parece um gênero literário inadequado. Com os silêncios e os sonhos da *Querida Amazônia* (QA), o papa Francisco tentou escapar da falta de delicadeza de uma “exortação institucional” e fez de três fios essenciais de seu pontificado – o método sinodal, a mensagem evangélica e a meta de uma “ecologia integral” – um cabo marítimo para puxar o barco de São Pedro pelas águas agitadas não só da Amazônia, mas também do século XXI (SUESS, 2021, p. 11–19). Antes de ser uma exortação, a *Querida Amazônia* é uma carta de amor, que não propõe quatro conversões, como o Documento Final, mas conta quatro sonhos de um poeta.

Os três primeiros sonhos (social, cultural e ecológico), que são declarações de amor e solidariedade, valem muito em uma situação na qual o avanço das motosserras, dos garimpos, da plantação de soja e da criação de gado tem aumentado a pressão sobre os territórios da região. No quarto sonho, em que o papa se dirige aos “pastores e fiéis católicos” (QA 60) – portanto, ao público interno da Igreja –, ele muda o tom, e as propostas do Documento Final do Sínodo para a Amazônia, na *Querida Amazônia*, não encontraram os encaminhamentos esperados. Pode-se relativizar a importância do sonho eclesial para a vida da Amazônia e do mundo, embora a centralização pastoral e os vácuos ministeriais nas comunidades, de fato, contribuam para grupos fundamentalistas ampliarem suas esferas de influência contra os habitantes da região.

As propostas dos Sínodos universais ou especiais, elaboradas durante os respectivos eventos, foram geralmente entregues ao papa

sem serem publicadas e o papa escreveu com base nesses “subsídios” uma exortação apostólica. Já as Conferências Episcopais Latino-americanas e Caribenhas sempre produziram seus próprios documentos finais, os quais, no decorrer dos anos, consolidaram o magistério latino-americano e caribenho. O Sínodo para a Amazônia criou, aparentemente, nova modalidade de magistério, compartilhado entre o Documento Final do Sínodo e a exortação *Querida Amazônia*, do papa Francisco. Ao final, porém, prevaleceu a autoridade da *Querida Amazônia* do papa e da Cúria romana sobre o Documento Final do Sínodo e da região. A maior parte das propostas do Sínodo, o papa devolveu à região, de onde vieram, onde podem ser amadurecidas, mas não solucionadas.

3. ADVERTÊNCIAS PARA A ELABORAÇÃO DE UM “RITO AMAZÔNICO”

Entre as múltiplas propostas do DFSA, a de um “rito amazônico que exprima o patrimônio litúrgico, teológico, disciplinar e espiritual” (DFSA 119) dos povos indígenas na Amazônia, por causa de sua diversidade, aparece em último lugar.

A Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama), criada, em 2021, por sugestão do Sínodo (DFSA 115), como “organismo episcopal que promova a sinodalidade entre as igrejas da região”, assumiu a elaboração desse “rito amazônico” como uma de suas primeiras tarefas. No entanto, antes da elaboração de um rito amazônico, a Igreja deve-se perguntar se a criação de um único rito para tantos povos diferentes não é novamente uma tentativa de “redução” e “colonização”.

A proposta de elaboração de um rito amazônico não se dirige a todos os povos que hoje vivem na Amazônia – povos nativos, afrodescendentes, ribeirinhos e migrantes –, mas exclusivamente aos “povos nativos” e seus “costumes de povos ancestrais” (DFSA 116–119), sendo preciso,

mesmo entre os povos nativos, observar as grandes diferenças culturais no horizonte de um “pluralismo litúrgico” (DFSA 116).

Um rito amazônico para os povos nativos pressupõe a assunção de outras propostas que dizem respeito à ministerialidade e à sacramentalidade de acordo com os usos e costumes dos povos ancestrais. Um rito amazônico pluricultural pressupõe a presença de ministros autóctones inculturados e comunidades vivas como protagonistas e primeiros agentes dessa inculturação.

O rito amazônico não deve ser elaborado “para a Amazônia”, numa perspectiva colonial e tutelar, seja por missionários, missionárias ou peritos cultural e geograficamente externos, mas sim na perspectiva “da Amazônia”, quer dizer, pelos próprios povos nativos, que já fazem parte da Igreja católica.

O “rito amazônico” e “a Igreja com rosto amazônico” invocam tarefas da inculturação, já que “tudo o que a Igreja oferece deve encarnar-se de maneira original em cada lugar do mundo” (QA 6). “Precisamos que os povos indígenas plasmem culturalmente as Igrejas locais amazônicas [...], uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena” (FRANCISCO, 2018).

Por se tratar de um imperativo do seguimento de Jesus (*Documento de Santo Domingo*, n. 13), a inculturação não é optativa. Para anunciar o projeto de Deus, Jesus se serviu sempre do cultural e historicamente disponível. É a alternativa à evangelização colonial e neocolonial, que opera com empréstimos e imposições culturais. “A Amazônia desafia-nos a superar perspectivas limitadas [...] para buscar caminhos mais amplos e ousados de inculturação” (QA 105).

4. A 1ª ASSEMBLEIA ECLESIAL (2021)

A 1ª Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe foi realizada na Cidade do México, na tradição das cinco Conferências

Episcopais Latino-americanas (Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida), como “pente-fino” da 5ª Conferência de Aparecida (2007). Por sugestão do papa Francisco, essa assembleia eclesial deveria retomar propostas de Aparecida ainda não realizadas. Por não ser episcopal, mas eclesial, permitiria maior participação do conjunto do povo de Deus como interlocutor no levantamento de sugestões e encaminhamentos de decisões pastorais. De fato, a 1ª Assembleia Eclesial, de 2021, e também o Sínodo para a Amazônia, de 2019, tiveram, em sua fase preparatória, processos de ampla escuta do povo de Deus. Contudo, em sua fase decisória, ambos os eventos não alcançaram a participação esperada.

A 1ª Assembleia Eclesial, realizada de maneira híbrida – virtual, em dimensão latino-americana e caribenha, com 1.104 participantes (CELAM, 2022, n. 15), e presencial, na Cidade do México, de 21 a 28 de novembro de 2021, com cerca de 80 delegados –, por decisão do Celam, não produziu um documento final (*ibid.*, n. 24). Esse documento final já era uma prática conquistada e confirmada nas cinco Conferências Episcopais anteriores, tendo dado identidade e memória às respectivas conferências.

Depois da 1ª Assembleia Eclesial, o Celam encarregou diferentes instâncias eclesiais inter-relacionadas de elaborar um documento-síntese das diferentes propostas surgidas no âmbito dessa assembleia. A autoridade, segundo o próprio texto dessa

síntese, deve ser atribuída a três instâncias: a “conclusões de uma assembleia convocada e realizada pelo Celam”, a “representantes das Conferências Episcopais reunidos em uma assembleia extraordinária realizada em julho de 2022” e a uma “equipe de reflexão teológica, que trabalhou durante meio ano estudando e assimilando a documentação e intervenções, aprofundando e sistematizando seu conteúdo, ordenando e projetando suas propostas evangelizadoras” (*ibid.*, n. 25).

No dia 31 de outubro de 2022, a presidência do Celam apresentou oficialmente este documento, preparado pelas três instâncias: *Para uma Igreja sinodal em saída para as periferias: reflexões e propostas pastorais a partir da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe* (CELAM, 2022). Não sendo documento final votado pela assembleia nem exortação apostólica pós-sinodal do papa, o texto ficou sem o “cheiro das ovelhas” (EG 24), apesar de a experiência do Vaticano II ter mostrado que a presença de um grande número de participantes em uma assembleia eclesial não é um problema insuperável. No México, a maior participação do povo de Deus foi apenas numérica, não substancial. O Celam e os participantes da assembleia agiram como marinheiros de primeira viagem.

CONCLUSÃO

Os desafios experimentados por ocasião da 1ª Assembleia Eclesial não foram em vão. O evento do México mostrou que a conversão eclesial exige não só um “novo estilo

“UM RITO AMAZÔNICO
PLURICULTURAL PRESSUPÕE
A PRESENÇA DE MINISTROS
AUTÓCTONES INCULTURADOS
E COMUNIDADES VIVAS COMO
PROTAGONISTAS E PRIMEIROS
AGENTES DESSA INCULTURAÇÃO.”



de vida” (EG 80; 168) *ad intra*, mas também uma “nova mentalidade” (EG 188; 205) *ad extra*. Desde que “alarguemos o espaço de nossa tenda” (Is 54,2), o Sínodo de 2021-2024 pode vir a tornar-se o início da nossa conversão sinodal.

A transformação de um conselho episcopal em conselho eclesial pode ser um avanço eclesiológico para uns, mas para outros representa o desmonte do princípio hierárquico da Igreja. Suscitar e acompanhar a comunhão eclesial e a participação de todos os batizados na condução de uma instituição eclesial exige despojamento, sensibilidade e vigilância na aceitação do pluralismo entre os próprios bispos e o povo de Deus (EG 131; 255). Na Igreja que emerge da conversão sinodal, “cada ministro é um batizado entre os batizados” (Constituição Apostólica *Episcopalis Communio* – EC –, n. 10), e cada bispo é “mestre e discípulo” (EC 5).

Através da sinodalidade, vivemos hoje um processo de múltiplos aprendizados, caminhando entre assembleias e sínodos regionais, conferências continentais e sínodos universais. Com as experiências de Santarém, Amazônia e México, o papa já nos convocou para o próximo sínodo, que é universal (16ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos) e tem a própria sinodalidade como tema: “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão” (2021-2024).

Com essa convocação, Francisco convida toda a Igreja a se interrogar sobre um tema decisivo de seu pontificado: “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (FRANCISCO, 2015). Mais uma vez, vai surgir a pergunta: afinal, quem terá a última palavra em decisões sinodais e no final de processos de escuta do povo de Deus? A maioria? A Igreja local ou universal? A hierarquia? O Espírito Santo? E quem será seu intérprete autorizado? Porque Deus caminha conosco, nesse processo sinodal não

existe uma última palavra nem um ponto final. Seus dois polos, a escuta e o diálogo, fazem parte da encarnação. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CELAM. *Para uma Igreja sinodal em saída para as periferias: reflexões e propostas pastorais a partir da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe*. Bogotá: Celam, 2022.

FRANCISCO, Papa. *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 17 out. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 12 dez. 2022.

FRANCISCO, Papa. *Discurso no encontro com os povos da Amazônia no Coliseu de Puerto Maldonado*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 19 jan. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180119_peru-puertomaldonado-popoliamazonia.html. Acesso em: 12 dez. 2022.

SANTARÉM I. Linhas prioritárias da Pastoral da Amazônia: IV Encontro de Pastoral da Amazônia, 1972. In: CNBB. *Desafio missionário: documentos da Igreja na Amazônia*. Brasília, DF: Ed. CNBB, 2014. p. 9-28.

SANTARÉM II. *IV Encontro da Igreja católica na Amazônia Legal: 50 anos do Encontro de Santarém, 1972-2022*. Documento de Santarém 50 anos: gratidão e profecia. Brasília, DF: CNBB, 2022.

SÍNODO DOS BISPOS. *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*. Instrumentum Laboris. Brasília, DF: Ed. CNBB, 2019.

SUESS, Paulo. *Dicionário da Querida Amazônia: em busca da “harmonia pluriforme”*. São Paulo: Paulus, 2021.

Faustino Teixeira*

*Faustino Teixeira é professor titular aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora e colaborador dos canais IHU e Paz e Bem.
E-mail: dutiguera@gmail.com



A perspectiva dialogal na trama da vida



O texto enfatiza a temática do diálogo e a responsabilidade global, no sentido de que o ser humano não é o umbigo do universo. Ele se insere, com humildade, como parte do universo, em igualdade de condições, sem perder, porém, sua singularidade. O papa Francisco tem se apresentado como pioneiro nesse trabalho em favor de nova “solidariedade universal”. Ele vem reiterando, em vários trabalhos e falas, a importância da interligação entre todas as coisas.

Introdução

Num texto recente, Boaventura de Sousa Santos abordou o tema da espiritualidade (SANTOS, 2022). Mencionou duas modalidades básicas de espiritualidade: uma que reitera a superioridade da vida humana sobre as demais e outra que acolhe com humildade a avassaladora presença da imensidão da vida cósmica. Nessa segunda modalidade, que também compartilho, o ser humano deixa de ser visto como o umbigo do universo e se insere, com humildade, como parte do universo, em igualdade de condições, sem perder, porém, sua singularidade. Firma-se uma perspectiva de experiência interior profunda, portadora de paz, que favorece uma compreensão nova da energia vital presente e atuante em todos os seres humanos, animais, vegetais e minerais, formando uma exemplar rede vital de mutualidades e comunicações.

É o que também captamos nas reflexões de Leonardo Boff, ao retomar, com ternura e vigor, a dimensão espiritual e inter-relacional

da vida humana, como traço de novidade do século XXI. Em sua visão, o ser humano não é exclusivamente corpo, mas também é espírito, ou seja, “aquele momento da consciência no qual ele se sente parte e parcela do Todo, ligado e re-ligado a todas as coisas” (BOFF, 2002, p. 117). A espiritualidade ganha vitalidade à medida que aciona em nós a “capacidade de contemplação, de escuta das mensagens e dos valores que impregnam o mundo à nossa volta” (BOFF, 2018, p. 188). Trata-se de uma experiência de reverência em face do todo, de abertura generosa e cortês à amorosa energia que preside o cosmo e nele atua.

1. O chamado inter-relacional

O papa Francisco também se apresentou como pioneiro nesse trabalho essencial em favor de nova “solidariedade universal”. Vem reiterando, em vários trabalhos e falas, a importância da interligação entre todas as coisas. É o que vemos estampado, de forma viva, na encíclica sobre o cuidado da casa comum (*Laudato Si'* – LS), de 2015. As criaturas estão todas interligadas, e esse vínculo deve ser hoje “reconhecido com carinho e admiração”, sendo todas elas portadoras de direitos característicos (LS 16, 42, 91, 92 e 117). Uma “cultura do cuidado” se impõe como essencial no nosso tempo, é o que lembra Francisco, e seu exercício se realiza em gestos cotidianos de respeito, amor e delicadeza para com o todo que nos envolve (LS 230 e 231). Em viagem ao Cazaquistão, ocorrida em setembro de 2022, Francisco fala do cuidado com a casa comum como grande desafio global, um cuidado amoroso com todas as formas de vida (FRANCISCO, 2022).

Francisco alerta-nos sobre o grande risco que acompanha este tempo do Antropoceno, do homem-humano em sua pegada violenta na Terra, provocando perturbações que quebram o equilíbrio necessário para

“UMA ‘CULTURA DO CUIDADO’ SE IMPÕE COMO ESSENCIAL NO NOSSO TEMPO, É O QUE LEMBRA FRANCISCO, E SEU EXERCÍCIO SE REALIZA EM GESTOS COTIDIANOS DE RESPEITO, AMOR E DELICADEZA PARA COM O TODO QUE NOS ENVOLVE.”

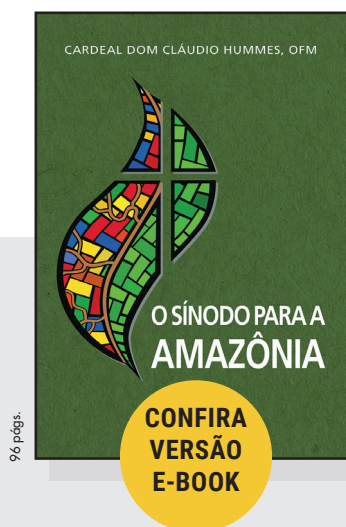
a manutenção digna da vida. É contra essa intervenção malsã que Francisco se levanta, contra todos os riscos nela envolvidos, sobretudo contra as catástrofes que se anunciam devastadoras para o futuro comum de todos (LS 34 e 161). Adverte-nos sobre esse futuro sombrio que nos aguarda: “Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão crescendo?” (LS 160). Esse grito de alerta não é apenas do papa Francisco, mas também de tantas outras autoridades religiosas, como Dalai Lama, Thich Nhat Hanh e Bartolomeu I, entre outros.

A Terra, como nossa “casa comum”, vem confirmada por Francisco como nossa irmã querida. Em verdade, nós mesmos somos terra e nosso corpo vem composto de elementos do planeta (LS 2). Levar isso a sério tem consequências bem importantes, que não podemos desconhecer, caso queiramos viver com intensidade essa dinâmica relacional. O mistério está, assim, por toda parte e pode ser acolhido com reverência “numa folha, numa vereda, no orvalho, no rosto do pobre” (LS 233). Estamos diante do desafio vivido por muitos dos grandes místicos, como Mestre Eckhart, que nos proporcionam uma bonita contemplação, capaz de desentranhar o mistério em todas as coisas (LS 233).

Não é fácil, porém, romper com a grossa camada ideológica que acompanha o cristianismo em seu percurso. O próprio papa Francisco permanece ainda, de certa forma, refém de resíduos de um antropocentrismo problemático. Ele nos adverte contra um antropocentrismo “desordenado” ou “despótico”, mas mantém aceso seu lugar, reconhecendo o valor peculiar do ser humano “acima das outras criaturas” (LS 119). É um resquício sombrio que permanece na visão de Francisco e vem sendo questionado por vários pesquisadores de campos diversificados da reflexão. Problemática também é a visão de Francisco com respeito à singularidade da

O Sínodo para a Amazônia

Cardeal Dom Cláudio Hummes



A obra discute pontos tratados ao longo do Sínodo que se referem não apenas à Igreja da Amazônia, mas também ao futuro do planeta, como a poluição das águas, o neocolonialismo e o desmatamento da floresta.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

imanência. Ele reage contra o que denomina um “confinamento asfixiante na imanência”. É um direito que ele se reserva, mas tal noção mereceria uma explicação mais adequada para evitar dicotomias há muito superadas na reflexão contemporânea.

2. A nova consciência planetária

Um dos grandes desafios de nosso tempo relaciona-se à consciência planetária: como encontrar um caminho civilizacional que saiba incluir a todos, também a natureza; um caminho que possibilite o enriquecimento da compreensão do humano, que envolve não apenas a relação consigo mesmo e com os outros, mas também a relação com o cosmo, seu lugar natal.

Não há nada mais nocivo do que continuar alimentando a ideia moderna da autocentralidade do ser humano e os desdobramentos problemáticos de sua relação de domínio com a natureza. O momento exige uma sensibilidade nova:

Começamos a perceber que destruímos a nós mesmos com essa intemperança. Começamos a entender que o mundo é nossa morada, na qual nascemos e estamos vivendo, e que merece proteção. Melhor: essa natureza merece respeito e escuta, “escuta poética”, pois ela tem valor em si mesma. E uma “nova aliança” entre ela e nós deve ser estabelecida (Prigogine e Stengers), além daquela em que “o homem é senhor e possuidor do mundo” (Descartes) (GESCHÉ, 2004, p. 5).

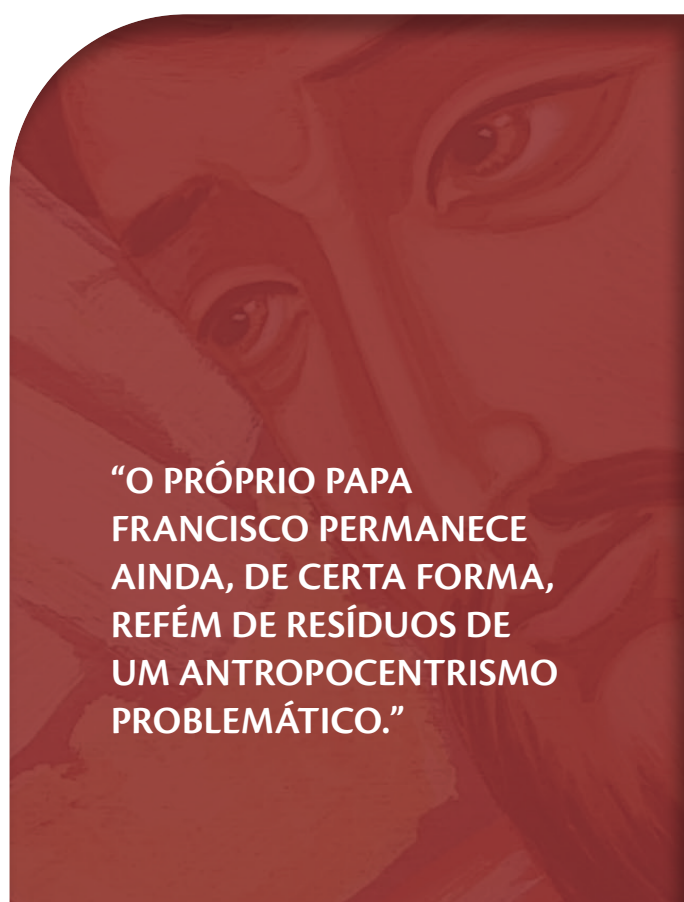
O sentido místico da consciência planetária convoca o ser humano a uma nova dinâmica relacional, que envolve o olhar, a escuta e a aliança com o todo. Pode-se falar ainda em hospitalidade: ser capaz de hospedar o outro e a realidade envolvente. Isso requer muita humildade e quebra das arrogâncias identitárias, na medida em que traduz nova

forma de instalação no mundo, marcada pela “delicadeza espiritual”, pela simpatia, cortesia e retomada do senso da maravilha.

3. A espiritualidade no cotidiano

Em descontinuidade com a lógica prometeica, que busca tudo controlar e explicar, há que reaprender o ritmo da imanência, que envolve humildade e abertura, ou seja, saber se instalar silenciosamente “no frêmito da contingência”. Há que resgatar hoje um sentido mais “terrenal” da mística, que envolve uma percepção acurada do cotidiano, de forma a desentranhar a dimensão mistérica que habita o ser humano e toda a criação.

Thomas Merton, em seu tempo no eremitério, pôde realizar essa experiência de uma vida atenta e desperta. Dizia em seu diário: “Não se requer, porém, concentração, apenas estar presente” (HART; MONTALDO, 2001, p. 291). Esse ensinamento zen já era usual desde o tempo em



“O PRÓPRIO PAPA FRANCISCO PERMANECE AINDA, DE CERTA FORMA, REFÉM DE RESÍDUOS DE UM ANTROPOCENTRISMO PROBLEMÁTICO.”

que coordenava o noviciado, como lembra Ernesto Cardenal em suas memórias: “a vida do contemplativo era simplesmente viver, como o peixe na água” (CARDENAL, 2005, p. 144). Num espaço especial, assumiu radicalmente esse espírito: “O que eu faço é viver. Como eu rezo é respirar”. Em contato com a natureza, Merton sentia-se “desperto e respirando”, atento com todos os sentidos, acolhendo com alegria a polifonia das vozes da mata.

Tudo o que o envolvia preenchia-o de alegria. Assinalou em seu diário: “Uma coisa que o eremitério está me fazendo ver – que o universo é minha casa e que, se não for parte dele, eu não sou nada” (HART; MONTALDO, 2001, p. 273). Em sintonia com Merton e com a perspectiva aberta por Raimon Panikkar, há que entender a mística como “experiência da vida”, ou como “experiência integral da realidade” (PANIKKAR, 2005, p. 15 e 42).

A mística não é uma experiência ultramundana, desencarnada e destacada das alegrias e dores do mundo, nem mero apatamento de uma “aristocracia espiritual”, mas sim um traço ou característica do ser humano em geral, detentor da capacidade de penetrar os meandros da realidade e captar o canto das coisas. O verdadeiro místico não está jamais deslocado de seu tempo, mas é alguém animado por um “desaforado amor pelo Todo”. Sua experiência do mistério ocorre no coração da realidade, em atenção contínua aos pequenos sinais do cotidiano, num movimento incessante de adentrar, cada vez mais, em sua espessura (ZAMBRANO, 2007, p. 127 e 129).

Como mostrou, com pertinência e sabedoria, o místico jesuíta Teilhard de Chardin, “a pureza não está na separação, mas numa penetração mais profunda do universo” (CHARDIN, 1962, p. 67). Os grandes espirituais e santos são reconhecidos em sua grandeza não por escaparem aos desafios

Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?

Papa Francisco



160 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro constitui um memorial do magistério do papa Francisco em tempos de pandemia da covid-19. A partir daquela tarde chuvosa de 27 de março de 2020, na praça de São Pedro, em que Francisco conduziu um momento extraordinário de oração pelo fim da pandemia, a voz do sucessor de Pedro tem insistido continuamente sobre a importância de uma conversão verdadeira e efetiva de toda a humanidade.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

de seu tempo, mas pela “maneira de eles viverem plenamente essa vida comum e fazer com que ela faça desabrochar todas as suas virtualidades” (GESCHÉ, 2004, p. 55).

4. O humano como “espécie companheira”

Hoje somos provocados a uma essencial “reverência” para com “as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente” (KRENAK, 2019, p. 31). Estamos também aprendendo a vitalidade que preside o mundo sob nossos pés. Assim como Eduardo Viveiros de Castro nos apontou o caminho da sabedoria dos povos originários para que saibamos lidar com os tempos difíceis do presente (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 35), podemos igualmente aprender com a capacidade incrível desse mundo invisível em apontar caminhos de sobrevivência e colaboração. Há um potencial de sobrevivência e artimanha nos fungos. Eles são “sobreviventes veteranos das perturbações ecológicas. Sua capacidade de perseverar – e muitas vezes prosperar – em períodos de mudanças catastróficas é uma de suas características definidoras. Eles são criativos, flexíveis e colaborativos” (TSING, 2019, p. 226).

Os fungos estão sempre em dinâmica de transformação, sustentando a rede vital. Estão dentro de nós e ao nosso redor, “decompondo rocha, fazendo solo, desestabilizando poluentes, nutrindo e matando plantas, sobrevivendo no espaço, induzindo visões, produzindo alimentos, fazendo remédios, manipulando o comportamento animal e influenciando a composição da atmosfera” (SHELDRAKE, 2021, p. 11). O filósofo italiano Emanuele Coccia escreveu dois livros fantásticos envolvendo essas reflexões (COCCIA, 2018; 2020). Ele sublinha que “a planta encarna o laço mais íntimo e mais elementar que a vida pode estabelecer com o mundo”. Suas raízes “fazem do

solo e do mundo subterrâneo um espaço de comunicação espiritual” (COCCIA, 2018, p. 13 e 79) .

Emanuelle Coccia (2020) fala em metamorfose. Esta é, “a um só tempo, a força que permite a todos os seres vivos espalharem-se simultânea e sucessivamente por várias formas e o sopro que permite às formas conectarem-se entre si, passarem de uma para outra” (COCCIA, 2020, p. 20). Trata-se, acima de tudo, da potência que anima todo ser vivo e lhe faculta “chocar em seu seio a capacidade de fazer variar a vida que o anima” (COCCIA, 2020, p. 80). Os seres humanos não apenas habitam Gaia, mas a carregam no ventre, aonde quer que vão. Inserem-se como vida num solo que está em contínuo processo de mudança e textura.

Passou a fase do excepcionalismo humano, já dizia há tempos o antropólogo Lévi-Strauss. Ele foi pioneiro na crítica a um “humanismo sem restrição e sem limite”, a um “humanismo generalizado” (LOYER, 2018, p. 560-561). A antropóloga Donna Haraway (2022) fala em saber seguir com o problema e ser capaz de gerar novos parentescos entre as espécies companheiras, para além do excepcionalismo humano.

5. Ressurgir dos escombros

O momento atual vem marcado pela precariedade generalizada, pelo abuso do poder, pela destruição do campo vital. Tudo visando ao lucro e à supremacia do homem-humano. Há que buscar ou captar as ressurgências em curso, como fala Anna Tsing (TSING, 2019, p. 226); vislumbrar as “erupções de vitalidade inesperada” que emergem pelas margens da vida, os caminhos repentinos para saber viver entre as ruínas. Não há como escapar aos graves problemas que afetam nosso “planeta danado”. Há que saber sobreviver, “seguindo com o problema”, habitando a “barriga do monstro” e erguendo “gestos-barreira” num

mundo em crise, à beira do caos (HARAWAY, 2019, p. 20 e 68-69). Parece bem interessante a pista aberta por Donna Haraway quando se define como uma “compostista”, em vez de “pós-humanista” (HARAWAY, 2019, p. 157). Ela insiste na sua tese – singular – sobre a importância, hoje, de sabermos gerar parentes, e não apenas filhos.

O mundo dos vermes, como mostra Sheldrake, tem o que nos ensinar nesse campo da lida com a decomposição (SHELDRAKE, 2021, p. 250). A criatividade passa também por este aprendizado: saber “mexer, misturar e dissolver uma coisa na outra”. Isso fazem os fungos: eles fazem de tudo e também desfazem. E o mundo vai sobrevivendo assim. A vida é sempre um movimento de abertura e descoberta. Os organismos e pessoas estão, juntos, participando desse espetáculo vital, como num “tecido de nós”. O “ambiente” onde se processa o crescimento humano é envolvido por um emaranhado de fios: “É dentro desse emaranhado de trilhas entrelaçadas, continuamente se emaranhando aqui e se desemaranhando ali, que os seres crescem ou ‘emanam’ ao longo das linhas das suas relações” (INGOLD, 2015, p. 120). E é esse entrelaçamento que adorna a textura do mundo.

Tudo que vive está em movimento e é animado por espírito. Isso vale para os humanos, os animais, os vegetais, os fungos e os minerais. Vivos estão o sol, as árvores, os ventos. Trata-se de uma perspectiva presente na visão do grande mestre Dôgen, do Soto Zen, que, num dos livros de seu *Shôbôgenzô*, sublinhou que a dificuldade de perceber o movimento das montanhas revela uma dificuldade de compreensão do próprio movimento de si (DÔGEN, 2005, p. 103-104).

Como mostram, com evidências, os contemporâneos pensadores da natureza, tudo que está sob a terra é objeto de “transações

Orações do papa Francisco

Frei Darlei Zanon



Imagens meramente ilustrativas.

Esta coletânea de orações vai ajudar e motivar o cristão a rezar pelo papa e, sobretudo, rezar “com” o papa, pois se procurou reunir nela as diversas orações originais que Francisco proferiu ao longo do seu pontificado.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



**“NÃO HÁ ENTIDADE
AUTÔNOMA E
ISOLADA NUM MUNDO
TECIDO POR RELAÇÕES
DE RECIPROCIDADE.”**

cosmopolitas” que desconhecemos profundamente quando destruimos as florestas e devastamos os campos. Nessa cidade subterrânea há uma “arquitetura de teias e filamentos”. A antropóloga Anna Tsing (2019) nos faz um convite ousado: da próxima vez que caminharmos numa floresta, devemos olhar “para baixo. Uma cidade está sob os nossos pés”. Poderemos então nos admirar com uma arquitetura de teias e filamentos:

[...] os fungos criam essas teias à medida que interagem com as raízes das árvores, formando estruturas conjuntas de fungos e raízes chamadas “micorrizas”. As teias micorrízicas conectam não apenas raízes e fungos, mas, através de filamentos fúngicos, árvores com árvores, conectando a floresta em emaranhados. Essa cidade é uma cena animada de ação e interação (TSING, 2019, p. 43).

De fato, para aquele que sabe ver, “nada é profano neste mundo” (CHARDIN, 2010, p. 33). Basta romper com o círculo da superficialidade e das aparências, ultrapassar o ritmo dos nomes e formas, para ser capaz de desvendar o Divino que transparece por todo canto: “Em toda parte e ao redor de nós, à esquerda e à direita, por trás e pela frente, por cima e por baixo” (CHARDIN, 2010, p. 83). É o mistério divino “sempre já aí” a assediar, penetrar e modelar o ritmo da criação. De forma ousada, Teilhard reconhece o potencial espiritual da matéria e indica que é mergulhando em seu seio

que o ser humano vem introduzido no coração mesmo daquilo que é e alcança a experiência de Deus. Trata-se de mistério protegido por reserva de gratuidade, que se mantém permanentemente como dom: é “a eterna descoberta e o eterno crescimento” (CHARDIN, 2010, p. 115). Surpreendentemente, pode ser alcançado, por aproximação, quando navegamos no sentido da profundidade, em direção ao recanto mais secreto de nós mesmos, no centro mais íntimo, no “abismo profundo” de onde irradia todo poder de ação (CHARDIN, 2010, p. 44).

Conclusão

Como diz Donna Haraway, “estar apaixonado é estar no mundo, estar em conexão com a alteridade significativa e com outros que significam, em diversas escalas, em camadas locais e globais, em teias que se ramificam” (HARAWAY, 2021, p. 93). O monge vietnamita Thich Nhat Hanh cunhou a bela expressão *inter-ser* para evidenciar a profunda relação vigente entre todas as coisas. Não há entidade autônoma e isolada num mundo tecido por relações de reciprocidade. Estamos todos reunidos num campo de “espécies companheiras”, no qual o traço distintivo é o permanente “devir-com”. Nos intermináveis encontros que ocorrem, todos saem “contaminados”. Sobretudo neste tempo difícil, marcado pela perturbação humana, o desafio maior é buscar uma “sobrevivência colaborativa” (TSING, 2022, p. 63 e 73). O ser humano vem, finalmente, se descobrindo como um

parceiro junto aos outros, num movimento comum de “mundificação”, num bonito aprendizado de “florescer conjuntamente na diferença” (HARAWAY, 2022, p. 395). **vp**

Referências bibliográficas

- BOFF, Leonardo. *Do iceberg à arca de Noé: o nascimento de uma ética planetária*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Reflexões de um velho teólogo e pensador*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- CARDENAL, Ernesto. *Vida perdida: memórias* 1. Madrid: Trotta, 2005.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *Hymne de l'univers*. Paris: Seuil, 1962.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O meio divino*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- COCCIA, Emanuelle. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- COCCIA, Emanuelle. *Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.
- DÔGEN, Maître. Sansuikyô: montagnes et rivières comme sùtra. In: DÔGEN, Maître. *Shôbôgenzô*. Tradução de Yoko Orimo. Paris: Sully, 2005. v. 1, p. 103-104.
- FRANCISCO, Papa. *Discurso do Santo Padre na abertura e sessão plenária do VII Congress of Leaders of World and Traditional Religions*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 14 set. 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/september/documents/20220914-kazakhstan-congresso.html>. Acesso em: 15 set. 2022.
- FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*: Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- GESCHÉ, Adolphe. *O cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- HARAWAY, Donna. Estamos diante de uma crise do modelo de civilização. *Revista IHU On-Line*, São Leopoldo, 18 set. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias/78-noticias/592682-estamos-diante-de-uma-crise-do-modelo-de-civilizacao-entrevista-com-donna-haraway>. Acesso em: 7 dez. 2022.
- HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- HARAWAY, Donna. *Quando as espécies se encontram*. São Paulo: Ubu, 2022.
- HART, Patrick; MONTALDO, Jonathan (ed.). *Merton na intimidade*. Rio de Janeiro: Fissus, 2001.
- INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LOYER, Emmanuelle. *Lévi-Strauss*. São Paulo: Sesc, 2018.
- PANIKKAR, Raimon. *L'esperienza della vita: la mistica*. Milano: Jaca Book, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A urgência das espiritualidades não cristãs. *Brasil 247*, [s. l.], 6 ago. 2022. Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/a-urgencia-das-espiritualidades-nao-cristas>. Acesso em: 14 set. 2022.
- SHELDRAKE, Merlin. *A trama da vida: como os fungos constroem o mundo*. São Paulo: Ubu, 2021.
- TSING, Anna L. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: N-1 Edições, 2022.
- TSING, Anna L. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.
- ZAMBRANO, Maria. *Algunos lugares de la poesía*. Madrid: Trotta, 2007.

Ir. Neusa Santos, ciic, religiosa da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, fundada por Santa Paulina, é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP; mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP; assessora para Comunicação e Mídias Digitais da Confederação Latino-americana e Caribenha de Religiosos (Clar); jornalista e assessora de Comunicação da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional).



OS SESENTA ANOS DO CONCÍLIO VATICANO II E OS DEZ ANOS DE PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO: UM CAMINHO DE RESGATE COMUNICACIONAL

O artigo resgata os caminhos da comunicação no catolicismo desde o Concílio Vaticano II, com destaque para os dez anos do pontificado de Francisco, em sua forma genuína de dialogar com o mundo, e os avanços da Igreja no ambiente digital. O texto aponta para aspectos do chamado do papa para uma releitura do Concílio como modo de sairmos de nós mesmos, estabelecendo um diálogo sinodal com o mundo contemporâneo.

INTRODUÇÃO

Na celebração do 60º aniversário do Concílio Vaticano II, recordamos alguns aspectos que mudaram a história e trouxeram novas formas de evangelização. Um deles foi o enfrentamento dos desafios daquele tempo, com destaque para o avanço da tecnologia e, de modo especial, para o advento da televisão.

O Concílio Vaticano II, iniciado em 11 de outubro de 1962, no pontificado de João XXIII, tinha como ponto principal o *aggiornamento*, ou “atualização”, acerca dos vários temas eclesiais abordados pelos padres conciliares, expresso nos documentos aprovados pelo Concílio: quatro constituições, nove decretos e três declarações. Ao longo dos últimos sessenta anos, não somente as questões determinadas pelo Concílio foram objeto de discussão entre teólogos e no interior da própria Igreja, mas também a própria prática da Igreja, dividida entre continuidade e ruptura.

Ao celebrarmos uma década do pontificado de Francisco, constatamos que, durante seu pastoreio, assistimos a fatos raros do ponto de vista histórico, que o tornam bastante inspirador e relevante para a Igreja e para o mundo. Internamente, podemos apontar como acontecimento paradigmático a coexistência de dois papas: o emérito, Bento XVI, e o papa Francisco. Externamente, no final de 2019 e nos anos seguintes, a humanidade foi profundamente abalada pela pandemia da covid-19, que vitimou milhões

de pessoas no mundo inteiro. Aliás, para os propósitos deste artigo, uma lembrança bastante significativa é, justamente, a emblemática foto que correu o mundo por ocasião da Semana Santa: no dia 27 de março de 2020, o Santo Padre proferiu uma bênção *Urbi et Orbi* extraordinária, em uma praça de São Pedro vazia. Essa decisão foi tomada devido à pandemia da covid-19, para permitir que as pessoas o acompanhassem pelos meios de comunicação. O Santo Padre, sozinho, percorreu a praça de São Pedro, no Vaticano.

Certamente, muitas são as possíveis interpretações para esse acontecimento. Seria interessante pensar esse evento histórico em sintonia com a narrativa do Evangelho de João a propósito do “pão da vida”: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não terá fome, quem acredita em mim nunca mais terá sede...” (Jo 6,35-69).

Vale destacar o final do texto de João: “A partir desse momento, muitos discípulos voltaram atrás e não andavam mais com Jesus. Então Jesus disse aos doze: ‘Vocês também querem ir embora?’ Simão Pedro respondeu: ‘A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Agora nós acreditamos e sabemos que tu és o Santo de Deus’” (Jo 6,66-69).

1. O CONCÍLIO VATICANO II

Não há dúvida de que o Concílio Vaticano II representou para o catolicismo, particularmente, uma encruzilhada fundamental. O contexto histórico, observado do

“Passados sessenta anos do histórico Concílio, surgiu o primeiro papa latino-americano. Jorge Mario Bergoglio, então arcebispo de Buenos Aires, Argentina, foi escolhido para suceder a Bento XVI, no ano de 2013.”



ponto de vista do continente europeu, era de preocupação com o futuro da humanidade. Afinal, em 11 de outubro de 1962, dia em que se iniciou o concílio que iria mudar o jeito de ser da Igreja no mundo, ainda estavam muito vivas na memória das populações as atrocidades da Segunda Guerra Mundial. Os campos de concentração e de extermínio, como o de Auschwitz, por exemplo, a própria violência perpetrada contra os opositores do nazismo, a destruição em massa das cidades europeias, a negação dos próprios valores cristãos foram alguns dos horrores que apavoraram não apenas os soldados e civis diretamente implicados nas muitas batalhas, como também – e sobretudo – os milhões de órfãos da guerra. A pergunta que qualquer pessoa honesta e bem-intencionada poderia se fazer era: como foram possíveis esses acontecimentos tão abomináveis, considerando o fato de a humanidade ocidental ser oriunda de fontes inspiradoras tão límpidas como a filosofia grega e as próprias raízes cristãs?

O desejo e a urgente necessidade de uma resposta que não fosse apenas um diagnóstico, mas igualmente uma proposta de horizonte para refundar a convivência humana, levaram a Igreja católica, na figura dos padres conciliares, a propor uma saída que continua válida até os dias atuais, particularmente quando relida com base nos esforços das comunidades para atualizar a fé e celebrar a confiança na força do Espírito de Deus na condução da história.

Sem nos determos em detalhes como o “pacto das catacumbas”, “o movimento litúrgico” ou o “vernáculo na missa”, por

exemplo, podemos dizer que o Concílio Vaticano II ofereceu ao século XX – e agora, no século XXI, nos proporciona como possibilidade – a oportunidade de renovado e profundo reencontro com a grandiosidade da tradição cristã, escondida debaixo da poeira de poder acumulada nas instituições católicas. Dentro e fora da Igreja, foi o tempo do resgate do humanismo. A valorização do ser humano, do personalismo, da comunicação entre as culturas, entre tantos outros valores, foi um dos muitos paradigmas que passaram a inspirar as comunidades mundo afora.

Esses marcos teológicos e civilizatórios tiveram muitos desdobramentos. Aqui na América Latina, coincidiram com as paradigmáticas Conferências dos Bispos Latino-americanos no Rio de Janeiro, em Medellín, Puebla e Aparecida, as quais, por sua vez, acentuaram que, para além do humano abstrato, a Igreja e a própria humanidade têm, diante de si, o desafio de descobrir a mulher e o homem pobres.

2. O PAPA FRANCISCO

Passados sessenta anos do histórico Concílio, surgiu o primeiro papa latino-americano. Jorge Mario Bergoglio, então arcebispo de Buenos Aires, Argentina, foi escolhido para suceder a Bento XVI, no ano de 2013.

A profundidade da crise institucional na qual se deu essa escolha ainda precisa ser estudada pelos especialistas e documentada pelos historiadores. Principalmente quando se levam em consideração as observações do mundo secularizado, o fato é que um novo modelo de pontífice ressurgiu com o papa Francisco. O bispo de Roma é percebido nos

ambientes universitários, nos meios jurídicos, nos meios digitais, no meio da juventude, como o papa que busca resgatar o que o cristianismo tem de essencial: a sinodalidade.

Não por acaso, ele adotou o nome de um santo que é também uma referência civilizatória. Francisco, o santo de Assis, com seu modo de viver pobre e fraternal, continua conquistando milhões de mulheres e homens, porque, no século XIII, quando o mundo deixava o feudalismo para ingressar no período que ficou conhecido como Era Moderna, ele já se apresentava como alternativa a um mundo no qual os salvos-condutos eram o dinheiro e o poder da riqueza.

Nesse ponto, podemos identificar a semelhança entre o momento histórico atual e a referência teológica mencionada no texto de São João. Simbolicamente falando, poder-se-ia dizer que o “pão da vida” que nos propõe Francisco é a volta institucional aos pobres, é o respeito à “casa comum”, é o zelo com a “Amazônia”, é a valorização do “ministério feminino”, é o caminhar juntos.

Como Jesus, Francisco não teme a solidão, justamente por acreditar na força evangelizadora da própria mensagem cristã. Afinal, a necessidade do mundo e a urgência de revelar o rosto de Deus que salva a todos porque ama os pobres movem céus e terras para que os paradigmas fundamentais do cristianismo permaneçam com critérios para organizar a vida cristã e se tornem cada vez mais inspiradores para as muitas instituições preocupadas com a melhoria da convivência humana neste século e nos vindouros.

2.1. A visibilidade da Igreja no pontificado de Francisco

A imagem do papa Francisco – homem de carisma muito particular e com perfil de comunicador – é de fácil alcance para um público mais amplo; suas mensagens são difundidas não só pelos meios de comunicação católicos, mas também em todos os cantos do

Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor

Papa Francisco



144 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Durante a pandemia, o papa Francisco percebeu a desigualdade de nosso mundo de forma mais vívida do que nunca. Com referências não apenas de fontes religiosas, mas também de cientistas, economistas e pensadores renomados, a obra mostra como contribuir para um mundo melhor.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

planeta, com apontamentos para o diálogo, a sinodalidade, o respeito às diversidades, a compaixão, o compromisso com o planeta e a casa comum.

Ele reconstrói a imagem da Igreja nas mídias sociais, impondo um vocabulário apropriado para o mundo contemporâneo e enfatizando os aspectos positivos e os perigos da inserção do catolicismo no ambiente midiático das redes, tendo em vista a vivência dos valores cristãos e a visibilidade da religião católica. Podemos dizer que o papa Francisco é o mais midiático entre os adultos não nascidos na era das redes. Ele é capaz de falar uma linguagem própria das mídias digitais, mantendo nove contas em idiomas diversos no Twitter, bem como presença no Instagram e no Facebook, com milhões de seguidores em todas as redes sociais. No ano de 2022, ficou na 28ª posição no *ranking* de contas do Twitter, figurando entre os quarenta mais influentes do mundo em contas representadas por figuras públicas. Esses números o tornam o personagem que mais lidera a inserção do catolicismo nas mídias. Logo no início de seu pontificado, ao dirigir-se aos comunicadores após a eleição, o papa Francisco destacou:

Ao longo dos últimos tempos, não tem cessado de crescer o papel dos *mass media*, a ponto de se tornarem indispensáveis para narrar ao mundo os acontecimentos da história contemporânea. Por isso, vos dirijo um agradecimento especial a todos pelo vosso qualificado serviço – trabalhastes... e muito! – nos dias passados,

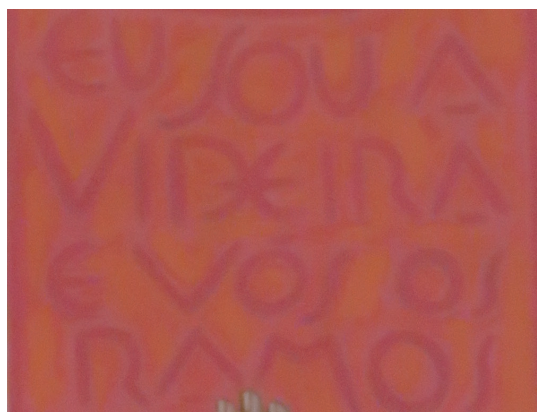
quando os olhos do mundo católico, e não só, se voltaram para a Cidade Eterna, nomeadamente para este território que tem como “centro de gravidade” o túmulo de São Pedro. Nestas semanas, tivestes ocasião de falar da Santa Sé, da Igreja, dos seus ritos e tradições, da sua fé e, de modo particular, do papel do papa e do seu ministério (FRANCISCO, 2013).

2.2. Dez anos de pontificado

A celebração dos dez anos de pontificado de Francisco traz à tona algumas das muitas mensagens que apontam para uma evolução midiática da Igreja católica. Na primeira mensagem do 48º Dia Mundial das Comunicações, em 2014, o papa dizia que “a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos” (FRANCISCO, 2014). No tom desta e de outras manifestações, o papa Francisco foi direcionando a Igreja para o encontro da fé nos espaços digitais, em *sítes* de santuários, arquidioceses e outros ligados à Igreja católica no mundo. Aos poucos, vai se intensificando a inserção de narrativas midiáticas nessas plataformas de comunicação, apontando para a compreensão do papa segundo a qual “a rede é um recurso do nosso tempo: uma fonte de conhecimentos e relações outrora impensáveis” (FRANCISCO, 2019b).

Ao pensarmos na comunicação em seu sentido mais profundo e genuíno, como interação, diálogo, entendimento, percebemos que, ao longo desta primeira década do pontificado de Francisco, houve vários

“Podemos dizer que o papa Francisco é o mais midiático entre os adultos não nascidos na era das redes.”



e profundos avanços no sentido do diálogo com o mundo e com a própria instituição, desde a congruência e a modernização do *site* oficial do Vaticano (www.vatican.va), o principal *site* da Igreja católica, no qual se encontra o *Vatican News*, até o nascimento do Dicastério para a Comunicação, inaugurado em 2016, entidade que reúne nove setores da mídia vaticana, que antes eram separados. O papa Francisco, em diálogo com o mundo, chama a sociedade para o cuidado com a relação entre técnica e vida humana quando, por exemplo, em mais uma mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais, faz o alerta: “‘Somos membros uns dos outros’ (Ef 4,25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana”. Vivemos em uma nova cultura, marcada por fatores de convergência e multimidialidade, que precisa de uma resposta adequada por parte da Sé Apostólica no âmbito da comunicação; não um simples “agrupamento coordenativo”, mas um modo de harmonizar para produzir uma melhor oferta de serviços em uma cultura amplamente digitalizada (FRANCISCO, 2019a). Isso implica uma mudança institucional, passando de um trabalho isolado ou individual para um trabalho conectado, em sinergia.

CONCLUSÃO

A Igreja católica tem feito grande esforço para comunicar o Evangelho, anunciando a mensagem de Jesus Cristo por intermédio das ferramentas disponíveis nas várias épocas históricas, desde a oralidade, o papel, até as novas tecnologias e, sobretudo, os meios digitais. O caráter comunicacional do papa Francisco, de carisma muito particular, possibilitou grandes avanços na visibilidade da Igreja e na construção de uma nova cultura na era digital, das grandes audiências às mensagens específicas nos meios digitais. Com uma imagem de fácil acesso, seja pela sua capacidade comunicativa, seja pelas mensagens reflexivas ou pelo entendimento da

Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social

Papa Francisco



Esta encíclica apresenta uma reflexão doutrinal sobre o amor fraterno, tratando de sua dimensão universal, na abertura a todos. O papa aponta caminhos para combater as formas atuais de eliminar ou ignorar os outros e para buscar o novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



“O caráter comunicacional do papa Francisco, de carisma muito particular, possibilitou grandes avanços na visibilidade da Igreja e na construção de uma nova cultura na era digital.”

comunicação como acontecimento humano, o papa Francisco resgata e aprofunda a histórica abertura da Igreja aos meios de comunicação. A abertura aos meios de comunicação social se deu durante o Concílio, quando nasceu o decreto *Inter Mirifica*, que, entre outras coisas, afirma:

[...] merecem especial atenção os meios que atingem não apenas indivíduos isolados, mas a multidão no seu conjunto, toda a sociedade humana. Destacam-se entre eles a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão e outros do mesmo gênero, que se denominam meios de comunicação social. A Igreja, como mãe, sabe que esses meios, se usados corretamente, prestam um enorme serviço ao gênero humano, dão eminente contribuição para o lazer e o cultivo dos espíritos e ajudam a propagar e a tornar mais consistente o Reino de Deus. Mas sabe também que esses mesmos meios podem ser usados contra os propósitos do Criador e contribuir para a degradação dos seres humanos. A Igreja sofre ao constatar que os males que afligem a sociedade em que vivemos são, muitas vezes, decorrência do mau uso desses meios (DARIVA, 2003, p. 70).

A reestruturação do Concílio Vaticano II em relação às comunicações sociais, ao longo da história, solidificou as mudanças da Igreja no que diz respeito aos meios de comunicação, reforçadas pelo pontificado de Francisco, a partir de 2013, que reconheceu e potencializou esses meios como ferramentas de evangelização e de diálogo com o mundo

contemporâneo. É no pontificado de Francisco que a Igreja tem sua maior visibilidade midiática, o que traz à tona outro jeito de comunicar a fé, por meio do uso da cultura dos meios digitais.

A visibilidade mediática – na verdade, intermediática – constitui a “protuberância” tecnossimbólica e imaginária do processo de globalização planetária para deslizamento veloz de textos, imagens e/ou sons – de um contexto glocal a outro, de uma rede a outra, de um *media* a outro, de um produto (*ciber*) cultural a outro –, quase regido por agendas temáticas diuturnamente sufragadas por audiências (de massa e/ou ciberespaciais) (TRIVINHO, 2012, p. 3).

Assim, entendemos que a comunicação, com suas lógicas, dispositivos e operações, está em constante evolução. A religião, ao fazer uso dela, também acompanha essa evolução, o que sugere novas linguagens e formas de dialogar com o mundo contemporâneo. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*: Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Inter Mirifica*: Decreto sobre os meios de comunicação social. Petrópolis: Vozes, 1972.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório da Comunicação da Igreja no Brasil*. Brasília, DF: Ed. CNBB, 1966. n. 1, n. 181, n. 220. (Documentos da CNBB, 99).

DARIVA, Noemi (org.). *Comunicação social na Igreja: documentos fundamentais*. São Paulo: Paulinas, 2003.

FRANCISCO, Papa. *Discurso à Cúria romana na apresentação de votos natalícios*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 21 dez. 2019a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/december/documents/papa-francesco_20191221_curia-romana.html. Acesso em: 8 dez. 2022.

FRANCISCO, Papa. *Encontro com os representantes dos meios de comunicação social: discurso do santo padre Francisco*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 16 mar. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html. Acesso em: 7 dez. 2022.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 24 jan. 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 7 dez. 2022.

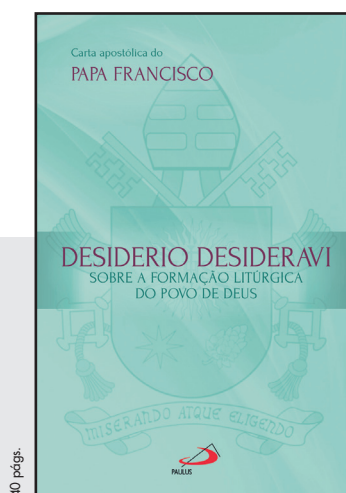
FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 24 jan. 2019b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 7 dez. 2022.

MARTINO, Luís Mauro de Sá. *Teorias das mídias digitais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

TRIVINHO, Eugênio. *Glocal: visibilidade midiática, imaginário bunker e existência em tempo real*. São Paulo: Annablume, 2012.

Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus

Papa Francisco



40 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Tem como principal objetivo despertar em todo o povo de Deus, a começar pelos celebrantes, o interesse pela beleza da liturgia e a capacidade de deixar-se encantar e “formar” por ela, imergindo naquilo que o papa define como “oceano de graça que inunda cada celebração”.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Marcus Mareano*

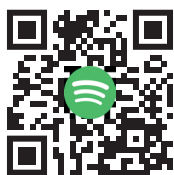


Acesse também o programa
Palavra Viva pelo QR code
ao lado.

Cada um dos roteiros está acompanhado de códigos QR  que remetem para as plataformas digitais de músicas  Spotify e  YouTube Music e trazem sugestões de cantos para a respectiva celebração. Ouça os álbuns Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.

5º DOMINGO DA PÁSCOA

7 de maio



Ver a Deus na existência humana de Jesus

I. INTRODUÇÃO GERAL

O tempo pascal recorda a alegria da ressurreição de Jesus e nosso compromisso de anunciar e testemunhar essa experiência de fé. Com o passar dos domingos, a liturgia deixa os relatos de encontro com o Ressuscitado para proclamar a missão da Igreja nascente por força dessa experiência.

A comunidade cristã crescia na pregação do Evangelho e em número de fiéis. Assim, a primeira leitura (At 6,1-7) apresenta esse crescimento entre os helenistas e a escolha dos sete servidores para auxiliar os discípulos no cuidado com os mais necessitados. A passagem da primeira carta de Pedro (1Pd 2,4-9) caracteriza a Igreja como um templo formado por pedras vivas em torno da pedra angular, que é Cristo. Uma imagem rica de significado que expressa a relação entre os cristãos e Cristo.

No Evangelho, proclama-se um trecho do discurso de Jesus por ocasião da sua despedida dos discípulos (Jo 14,1-12). Primeiramente, Jesus os consola por sua ausência, mas em seguida comunica que ele é o acesso ao Pai (caminho, verdade e vida), de tal forma que quem o vê, vê o Pai (Jo 14,9). Deus invisível se torna visível na existência humana de Jesus. Por conseguinte, quem vive hoje segundo o Espírito de Deus reflete esse Deus revelado em Jesus, de modo a manifestar, por meio de ações, sua presença.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 6,1-7)

Os Atos dos Apóstolos narram o início da comunidade de fé. Desde Pentecostes até o martírio de Paulo em Roma, o autor expõe o percurso da pregação do Evangelho, levada adiante pelos discípulos, e as maravilhas realizadas aonde a mensagem de Jesus chega.

Os capítulos 6-7 representam uma passagem das restrições do anúncio em Jerusalém (At 1-5) para uma “diáspora” cristã a partir da Samaria (At 8). Nessa transição, lemos a escolha do grupo de diáconos (v. 1-6), entre os quais está Estêvão (v. 5), que foi preso (6,8-15), condenado (7,1-53) e martirizado por causa da sua fé (7,54-60).

*Pe. Marcus Mareano é bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (Uece); bacharel e mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje); doutor em Teologia Bíblica com dupla diplomação: pela Faje e pela Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica (KU Leuven); professor adjunto de Teologia na PUC-MG e de disciplinas isoladas em diferentes seminários. Desde 2018, é administrador paroquial da paróquia São João Bosco, em Belo Horizonte-MG. E-mail: marcusmareano@gmail.com

Em At 6,1-6, lemos como o número dos fiéis crescia, também entre os de língua grega, que se queixavam que o atendimento às viúvas estava insuficiente (v. 1). Então, os apóstolos se reuniram e convocaram a multidão para que escolhesse alguns para auxiliá-los e servir (*diakonéin*) às mesas. Os apóstolos se dedicariam mais à pregação da Palavra de Deus, pois eram as testemunhas de Jesus, e os novos escolhidos colaborariam para que ninguém ficasse desassistido.

Foram escolhidos “homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria” (v. 3). A lista dos eleitos era composta de pessoas de origem grega. Entre elas se encontrava Estêvão, caracterizado como “cheio de fé e do Espírito Santo” (v. 5), sobre o qual se falará mais por conta da sua fé em Cristo.

Enfim, os apóstolos oraram e impuseram as mãos sobre os novos servidores. O gesto, presente em diferentes passagens bíblicas (Nm 8,10-11; Dt 34,9), representa a atribuição de missão e a conferência de capacidade para contribuir com o anúncio do Evangelho (At 13,3; 14,23; 1Tm 4,14; 2Tm 1,6).

Com oração e discernimento, a comunidade nascente consegue enfrentar os desafios que surgem e permanecer fiel à missão evangelizadora. O conflito não pode ser visto apenas como prejuízo, mas como oportunidade de crescimento, amadurecimento e expansão. Lidando assim com as adversidades, os primeiros seguidores de Jesus nos ensinam a encarar os desafios do presente.

2. II leitura (1Pd 2,4-9)

Se, na primeira leitura, vimos a caracterização da Igreja como orante e servidora, na segunda leitura, a comunidade de fé é comparada com pedras vivas, edifício espiritual, sacerdócio santo e nação santa. A atenção da primeira leitura está no que se faz, e a da segunda no que a comunidade se torna pela fé em Cristo.

O autor utiliza uma terminologia e alguns trechos do Antigo Testamento para comunicar às comunidades cristãs sua identidade. Primeiramente (v. 4), ele convida a aproximar-se de Cristo, pedra viva, rejeitada pelos homens (que o crucificaram), mas eleita, honrosa aos olhos de Deus (que o glorificou e fez Senhor).

O que se disse a respeito de Jesus Cristo vale também para os cristãos (v. 5). Eles são pedras vivas, rejeitadas (pelos pagãos ao seu redor), mas eleitas (1,1; 5,13) e valorizadas por Deus. Como tais, formam uma “casa espiritual” e um “sacerdócio santo” (Ex 19,4.5), para que, como Cristo ofereceu sua vida para a salvação do mundo, eles também ofereçam a sua, junto com Cristo, a Deus.

Em seguida (v. 6-8), a passagem faz diferentes referências ao Antigo Testamento (Is 28,16; Sl 118,22; Is 8,14) a fim de justificar o que se afirmou a respeito de Cristo e da Igreja. Assim, compreendemos seu sentido: “casa espiritual” – sublinhando a ação do Espírito na edificação da Igreja; “sacerdócio santo” – sublinhando a participação de cada cristão no único sacerdócio de Cristo para a salvação do mundo; “povo de Deus” – sublinhando a ação divina na formação do povo da Antiga Aliança, Israel, e da Nova Aliança, a Igreja.

Por fim (v. 9), o trecho bíblico se dirige à comunidade cristã como novo Israel, aplicando textos do povo eleito de Deus aos seguidores de Jesus. A carta acentua o lugar peculiar que, em continuidade com o povo de Israel, os cristãos ocupam na história da salvação. Eles pertencem ao povo santo de Deus, escolhido entre todas as nações “para proclamar as obras admiráveis de Deus” (Is 43,21). Deus chama as pessoas das trevas (de uma vida entregue ao domínio dos ídolos) à sua luz admirável, à graça da salvação (1,3-5). A pertença ao povo de Deus significa uma tarefa missionária, a ser cumprida por meio do “bom procedimento” no meio dos pagãos (2,12; 3,1.2.15).

3. Evangelho (Jo 14,1-12)

Na passagem do Evangelho, lemos um trecho de João, situado entre os discursos de despedida de Jesus, que continua a explicar o sentido de sua partida, agora em palavras confortadoras.

Como o povo de Israel teve fé no Senhor e também em Moisés (Ex 14,31), assim Jesus convida seus discípulos a crer nele (v. 1). Esse início da passagem (v. 1-3) assemelha-se à despedida de Moisés, que manda o povo ter coragem para entrar na Terra Prometida (Dt 1,29; 31,6.7.23; Js 1,6.7.9).

A iminente morte de Jesus é, em certo sentido, preparação para entrar em uma nova Terra Prometida. Naquele tempo, Deus andava à frente para preparar um lugar para o povo (Dt 1,33). Doravante, na narrativa joanina, Jesus assume a tarefa de conduzir os discípulos para a casa de seu Pai, onde há muitas moradas. Quando o lugar estiver preparado para os discípulos, Jesus voltará e os levará consigo. Assim, eles estarão no mesmo lugar onde Jesus estará.

É comum, no Evangelho de João, os interlocutores de Jesus não compreenderem o que ele quer comunicar (4,10; 6,33; 7,34; 8,21). Acontece também com Tomé (v. 4-5). Jesus fala de um caminho, e Tomé não entende. O caminho, assim como a verdade e a vida, era o próprio Jesus (v. 6).

Os que acompanhavam Jesus poderiam ter confiança para o caminho que os aguardava. Caminho, para as Escrituras, significa prática de vida. No Deuteronômio (8,6; 9,2), o caminho geográfico para a Terra Prometida é símbolo do itinerário da vida. Em João, o caminho é Jesus. O que ele mostra é a prática que nos conduz à vida – o dom de Deus por excelência, que é Jesus mesmo. E ele é também a verdade, Deus que se manifesta e é fiel.

Em seguida, Jesus fala do conhecimento (ter experiência) dele e do Pai (v. 7). Quem o conhece, conhece o Pai. Anteriormente (8,19), aos incrédulos, Jesus disse que, se o conhecessem, conheceriam o Pai (mas não conheceram nem Jesus, nem o Pai). Agora, para os que Jesus

chama de filhinhos e depois amigos (15,15), o caso é diferente. Eles conhecem Jesus e, por isso, também o Pai.

No entanto, Felipe não compreendeu bem o ensinamento de Jesus (v. 8). Ele pede para ver o Pai, como, por exemplo, queriam Moisés (Ex 33,18-23) e o salmista (Sl 42,3). Jesus ensina a respeito da sua identidade com o Pai (v. 9): quem o vê, vê o Pai que o enviou. Para saber como Deus é, basta olhar a humanidade de Jesus, especialmente na prova do seu amor até o fim (13,1), pois Deus é amor e se dá a conhecer em Jesus, que oferta sua vida por nós (1Jo 4,8-10.16). Por isso, os verbos estão no tempo narrativo, porque não se trata da visão beatífica atemporal, mas da vista histórica do Encarnado e Glorificado na cruz.

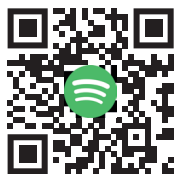
Jesus continua a ensinar os discípulos, pois pareciam não entender suficientemente (v. 10-11). Jesus fala da sua origem divina e confirma, com suas obras, que o que ele faz é o agir de Deus mesmo por seu intermédio (10,38). Quem acredita que a prática de Jesus é a atuação de Deus participará desse mesmo agir e fará até obras que excedem, quantitativamente, aquilo que Jesus, na sua limitação histórica, realizou. Agora ele volta ao Pai.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Neste 5º domingo da Páscoa, as leituras nos situam diante da identidade da Igreja (primeira e segunda leituras) e de Jesus (Evangelho) para pensarmos nosso modo de ser e agir no mundo atual.

Os discípulos, perturbados com a proximidade da morte de Jesus, são consolados pela promessa de uma morada na casa do Pai. Para tanto, devem seguir o caminho, a verdade e a vida reveladora do Pai em sua existência humana. O que aprenderam de Jesus deve se tornar prática cotidiana.

Assim, a comunidade de fé constitui um grupo formado de seguidores que veem a Deus na humanidade de Jesus e buscam viver à sua maneira no mundo contemporâneo.



O Paráclito nos faz viver o amor

I. INTRODUÇÃO GERAL

O tempo pascal vai se concluindo, e as experiências com o Senhor ressuscitado devem ser praticadas e transmitidas. Cristo passa a ser visto e percebido por meio de seus seguidores. O testemunho de fé resplandece em meio às trevas da desesperança.

A primeira leitura descreve a expansão da mensagem cristã entre os samaritanos e como eles recebem o dom do Espírito Santo (At 8,5-8.14-17). O texto de 1Pd 3,15-18 convida a comunidade a “dar razões de sua esperança” (3,5) diante de um meio adverso à fé cristã. Finalmente, no Evangelho (Jo 14,15-21), Jesus promete o Paráclito, como permanência dele nos discípulos para que vivam o amor.

Os textos já nos aproximam do evento de Pentecostes. O Espírito Santo prometido nos faz viver o que Jesus ensinou. Façamo-nos disponíveis e dóceis para a ação de Deus que nos conduz!

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 8,5-8.14-17)

Continuamos a leitura dos Atos dos Apóstolos, apresentando os primórdios da comunidade de fé. O trecho deste domingo narra um “novo Pentecostes”, desta vez entre os pagãos na Samaria.

A primeira parte da leitura (v. 5-8) conta como Filipe chegou à Samaria para anunciar o Evangelho e o que ele causou com isso. As multidões o ouviam e muitos sinais o acompanhavam, confirmando que Filipe continuava a

missão de Jesus (curas, expulsões dos espíritos impuros etc.). A cidade se alegrava com a pregação do discípulo e com o conhecimento de Cristo. A alegria messiânica se realiza conforme a experiência de fé no Messias esperado (5,41; 8,39; 11,23; 13,48.52; 15,3.31).

Enquanto isso, os outros discípulos em Jerusalém souberam da notícia e foram até a Samaria para conferir (v. 14). Pedro e João oraram e impuseram as mãos para que os samaritanos recebessem o Espírito Santo (v. 15-17), pois estes só tinham recebido o batismo em nome de Jesus. Os dois apóstolos confirmam a missão de Filipe e repetem o gesto comum da Igreja (imposição de mãos: Hb 6,2; Mt 19,15; At 6,6; 9,17; 19,6). O dom recebido pelos primeiros discípulos em Jerusalém agora se manifesta entre os samaritanos, considerados sincréticos pelos judeus daquele tempo.

O Espírito Santo desacomoda os cristãos e os livra do acanhamento para ousarem na transmissão do Evangelho. A mensagem cristã não se restringe a um grupo ou lugar, mas se destina às pessoas de todos os tempos e lugares. Assim deve continuar a ser na contemporaneidade.

2. II leitura (1Pd 3,15-18)

A mensagem da primeira carta de Pedro indica à comunidade como expressar a fé cristã entre os pagãos. Essa vivência distingue os cristãos no ambiente plural do Império Romano.

No início, o autor convida os cristãos a “santificar o Senhor”, isto é, testemunhar com a vida que ele é o Santo (1,16), estando sempre prontos a dar razão da própria esperança a todo aquele que lhes pedir (v. 15). A esperança de que 1Pd fala em 1,3.13.21 e 3,15 tem sua razão em Jesus Cristo, que Deus ressuscitou dos mortos. Por causa desse agir divino na história humana, esperamos a vida em plenitude para o futuro.

Esperar não significa aguardar passivamente. Ao contrário, a esperança da fé não se contenta com aquilo que é, mas olha para um futuro melhor, impulsiona para a ação e

move para a ética cristã. A esperança nos faz buscar sempre novos caminhos para possibilitar a realização do bem.

Em seguida (v. 16-17), o autor explica como “dar razão” da esperança. Deve ser com respeito e humildade e conforme a consciência cristã. Assim, aqueles que difamam os cristãos por causa da boa conduta em Cristo ficarão com vergonha. É melhor sofrer praticando o bem do que praticando o mal, conforme Jesus mostrou com sua própria história humana.

Por fim, o exemplo de Cristo é evocado (v. 18). Ele morreu pelos pecados da humanidade, o justo pelos injustos, a fim de nos conduzir a Deus. Uma morte “segundo a carne”, ou seja, à maneira dos homens, pois Jesus era verdadeiramente humano. Porém, foi revivificado pelo Espírito de Deus em sua ressurreição.

3. Evangelho (Jo 14,15-21)

Continuamos a leitura deste capítulo do Evangelho de João. O ensinamento de Jesus antes da morte deve se tornar o *modus vivendi* dos seus discípulos e dos cristãos de hoje.

A confirmação do amor a Jesus é guardar seus mandamentos (v. 15). Assim, ele pede ao Pai uma instância que, na sua ausência, ajude seus discípulos: outro Paráclito – portanto, um continuador do primeiro paráclito, que é Jesus mesmo. Trata-se do Espírito da Verdade, que vem de Deus para nos conservar na verdade que Jesus nos dá a conhecer em sua própria pessoa. O mundo não é capaz de conhecê-lo, mas os fiéis o conhecem e o experimentam, porque permanece neles (v. 17).

No Quarto Evangelho, o Espírito Santo possui, além das características comuns atribuídas a ele no Novo Testamento (sopro, dinamismo de Deus que inspira pessoas, poderes milagrosos etc.), algumas feições específicas. Ele permanece em Jesus (Jo 1,33) e nos fiéis (Jo 14,17). Não é uma inspiração passageira, mas realidade permanente. Ele é chamado de “paráclito”, que significa confortador ou

defensor judicial (advogado de defesa). Jesus mesmo é chamado assim na tradição joanina (Jo 14,16; 1Jo 2,1).

Todavia, enquanto Jesus é nosso defensor junto do Pai, o outro Paráclito é nosso defensor no processo contra o mundo (Jo 14,16-17; 14,26; 15,16; 16,7-14). Ele é o Espírito da Verdade (Jo 14,17; 15,26; 16,13), no sentido de que se opõe às forças da mentira e das trevas que tentam dominar o mundo. Por isso, ele nos conduz na plena verdade, também nas coisas por vir (Jo 16,13). Nesse sentido, o Espírito-Paráclito é o intérprete de Deus na história da comunidade cristã, cumprindo, por assim dizer, a missão dos profetas do Antigo Testamento.

Jesus não abandona seus discípulos. Embora seja um discurso de despedida, ele promete um retorno (v. 18). Sua morte não é uma despedida para sempre. Jesus sai do mundo, mas os fiéis hão de vê-lo na vida gloriosa de Deus. Quem acredita nele participa da mesma vida e já passou da morte para essa vida (Jo 5,24).

Assim, os discípulos reconhecerão que Jesus está no Pai e os discípulos em Jesus. Esse é o lugar que Jesus prepara para eles e para quem nele crê (Jo 14,3). Aquele que acolhe seus mandamentos e os guarda é quem o ama e vai ser amado pelo Pai. Essas pessoas são amadas por Jesus e ele se manifesta a elas (v. 21). Logo, a prática do amor nos faz encontrar o Cristo glorificado entre nós.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Estamos próximos da celebração de Pentecostes, e a liturgia nos prepara para a acolhida do dom do Espírito Santo. A Igreja nascente não se contenta em permanecer em Jerusalém e arredores, mas expande a mensagem cristã entre os samaritanos, que acolhem com alegria e experimentam o dom de Pentecostes (cf. I leitura).

Jesus, no Evangelho, explicita a vinda do Espírito Santo, o Paráclito, a seus discípulos. Este assegurará a permanência de Jesus com eles e deles com Jesus – consequentemente, com o Pai, na comunhão da qual todos somos

chamados a participar. A fé em Cristo é uma vivência dessa comunhão com Deus em Jesus Cristo, manifestada aos irmãos. O Espírito em nós nos move para a caridade evangélica.

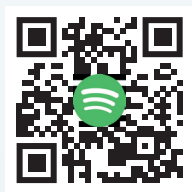
A segunda leitura mostra a necessidade de testemunhar a fé cristã em um contexto adverso. A prática do amor, inspirada pelo Espírito Santo, é a melhor maneira de demonstrar a esperança cristã, pois, se esperamos em Cristo, vivemos como ele viveu e ensinou a viver. “Dar razões” – literalmente, fazer apologia – da esperança não significa discutir ideias, mas exprimir que nossa esperança está em Cristo Jesus.

Para além das imagens e símbolos, é decisivo perceber a presença do Espírito de Deus dentro de cada um de nós. Ele provoca movimentos, ativa as brasas escondidas no coração, faz-nos fortes, alegres, valentes, apaixonados, audazes e sábios.

Cabe-nos acolhê-lo com coração simples e confiante. Que ele atue em nós com liberdade, inspirando-nos e fazendo-nos mais criativos. Ele dá sabor e sentido à nossa existência e nos enraíza no modo de ser e viver de Jesus.

ASCENSÃO

21 de maio



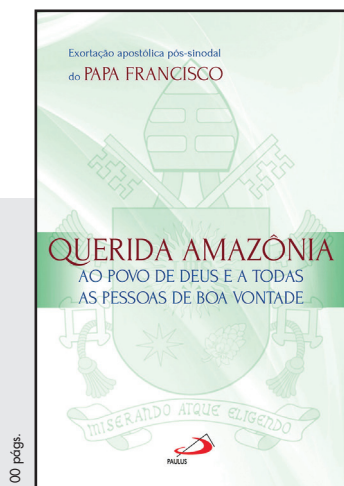
Com o olhar em Deus, atentos à realidade

I. INTRODUÇÃO GERAL

Nestes dias de contemplação do mistério da ressurreição de Jesus, atentamos hoje para sua ascensão. Para nós, seguidores de Jesus, esse evento é uma abertura para o cotidiano e para o serviço aos necessitados. É preciso partir e praticar o chamado do Mestre para prolongar, neste mundo, seu modo de ser e de viver.

Exortação Apostólica Pós-sinodal *Querida Amazônia:* ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade

Papa Francisco



100 págs.

Imagens meramente ilustrativas

Esta exortação apostólica pós-sinodal é uma carta de amor a toda a Igreja que se faz presente na Amazônia. Indica caminhos concretos para uma ecologia humana que leve em conta os pobres, para a valorização das culturas e para uma Igreja que seja verdadeiramente missionária e tenha um rosto amazônico.



Aponte a câmera do
seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

A primeira leitura (At 1,1-11) narra o evento que celebramos. Jesus foi elevado aos céus diante dos seus discípulos, dando-lhes instruções para permanecerem em Jerusalém. Na carta aos Efésios (Ef 1,17-23), lemos uma súplica para que a comunidade tenha o conhecimento da esperança em Cristo, que plenifica a todos. O Evangelho (Mt 28,16-20) conclui a obra de Mateus, anunciando que Jesus permanece entre nós e que seus discípulos devem continuar seu anúncio.

As leituras da liturgia propõem, ao mesmo tempo, um olhar para o alto, para onde nossa humanidade foi elevada em Cristo e onde se encontra nossa destinação, e um olhar para a realidade imanente, onde vivemos nossa existência material e na qual nos cabe manifestar a presença amorosa de Cristo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 1,1-11)

O início dos Atos dos Apóstolos (v. 1-2) retoma o endereçamento do Evangelho de Lucas (Lc 1,1-4). As duas obras lucanas são dedicadas a certo Teófilo (literalmente: “amigo de Deus”), personagem desconhecido cujo nome nos leva a compreender os escritos a ele atribuídos como destinados àqueles que buscam a amizade com Deus.

Os Atos dos Apóstolos retomam o episódio final do Evangelho de Lucas (Lc 24,50-53). Lá, a elevação de Jesus foi narrada de modo abreviado e no contexto dos encontros do Ressuscitado com seus discípulos. Nos v. 3-11 da primeira leitura deste domingo, o autor apresenta mais detalhes e amplia a orientação de Jesus para que seus seguidores continuem a missão por ele iniciada. Eles se encontram em Jerusalém, aguardando o cumprimento da promessa da vinda do Espírito Santo (v. 3-5).

Os discípulos se achavam tensos, medrosos e desorientados pelo ocorrido na cruz. Então, questionam sobre o Reinado de Deus, do qual tanto ouviam falar e pelo qual esperavam (Is 11,1-5). Queriam uma

resolução política e nacionalista para terminar com a dominação romana e com a farsa da família de Herodes (At 12,2). A resposta de Jesus é que os discípulos aguardem a vinda do Espírito Santo, para serem testemunhas de Jesus na Judeia, na Samaria e até os confins da terra (Roma, v. 8). Os Atos dos Apóstolos mostrarão como esses primeiros seguidores anunciaram e realizaram o Evangelho.

Em seguida, Jesus é elevado (v. 9). O autor usa o passivo divino, mostrando que é Deus quem eleva Jesus para os céus. Ainda olhando para o alto, os discípulos escutam a declaração de que ele voltará dessa mesma forma. A parusia de Jesus (segunda vinda) implica, para aqueles que presenciam o momento, um modo de vida na espera do Senhor que vem.

A ascensão de Jesus não significa apenas sua subida aos céus, mas também a imersão na missão que realizamos no cotidiano. A presença de Jesus continua acontecendo por meio de seus discípulos cheios do Espírito Santo. Não é uma ausência ou abandono, mas uma permanência expansiva para muitos lugares e com toda a humanidade.

2. II leitura (Ef 1,17-23)

A carta aos Efésios é um escrito destinado aos cristãos da Ásia Menor e deve ter tido um caráter circular, para que mais pessoas soubessem de seu conteúdo. Nota-se a falta de um destinatário explícito (1,1) e um estilo semelhante a uma homilia.

Ela se inicia com uma oração bendizendo a Deus (1,3-11), que abençoa a humanidade desde a esfera celestial (1,3), conforme se observa no desenvolvimento do texto (Ef 1,20; 2,6; 3,10; 6,12). Em seguida, o autor suplica ao Senhor pelos destinatários da carta (Ef 1,15-23).

A leitura da liturgia se situa entre esses clamores. O primeiro deles é pelo dom do Espírito Santo, que dá sabedoria e ilumina o interior humano (os olhos do coração) a fim

de proporcionar o conhecimento da esperança para a qual os cristãos são chamados e da grandeza do poder de Deus. Essa força divina age em favor daqueles que creem (v. 17-19).

A seguir, mostra-se essa potência divina agindo em Cristo (v. 20). Deus o ressuscitou dentre os mortos e o colocou à sua direita, sinal de distinção, dignidade e poderio. Logo, Cristo supera todas as entidades cósmicas atestadas na literatura judaica apócrifa (principado, potestade, poder e dominação – v. 21) e tudo fica sob seus pés (Sl 8,7; Hb 8,6; Cl 1,18). Por isso, ele é a plenitude dos que se plenificam e a cabeça da Igreja, que é seu corpo (1Cor 12,12).

O texto apresenta a ação de Deus, por seu Espírito, na pessoa humana em geral e especificamente em Jesus. A humanidade de Cristo, elevada por Deus e colocada acima de tudo, é a humanidade de todos assumida e ascendida à direita de Deus. O Espírito Santo nos move a assumir nossa dignidade de filhos e filhas no Filho.

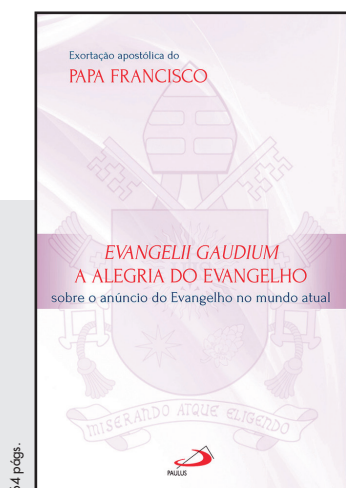
3. Evangelho (Mt 28,16-20)

Na festa da Ascensão deste ano, a liturgia nos propõe a última cena do Evangelho de Mateus. As narrativas da parte final desse Evangelho se orientam em torno do poder divino (com referências, por exemplo, a terremoto e anjos), concordando com os relatos da infância. Enquanto Marcos mostra o fracasso dos discípulos, Mateus prefere enfatizar a presença animadora de Jesus, que entusiasmo e faz compreender a situação nova. O cenário da ressurreição culmina com o discipulado.

Mateus conclui seu Evangelho narrando o breve encontro entre o Ressuscitado e o grupo dos onze, o qual havia regressado à Galileia depois de receber a mensagem das mulheres que tinham ido ao sepulcro (28,6-8). Esse encontro acontece em um monte longe de Jerusalém, afastado do lugar onde eles tinham vivido a experiência traumática da paixão de Jesus (v. 17).

Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho

Papa Francisco



Esta exortação tem por objetivo convocar os fiéis cristãos para uma nova etapa evangelizadora, marcada pela alegria do Evangelho. Francisco chama a atenção para o risco do mundo atual, onde brota a tristeza individualista em muitos corações comodistas e mesquinhos.



Aponte a câmera do
seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

Depois da crise, do medo, do desespero que os havia paralisado, Jesus convida seus discípulos a voltar às origens (28,10), para percorrer de novo os caminhos e “fazer memória” das experiências junto dele, as quais agora serão lidas de forma diferente.

Os discípulos se prostram ao ver o Ressuscitado (v. 17). O gesto remete à reverência divina e à disponibilidade para acolher a novidade que Jesus queria transmitir. Então, ele comunica ao grupo sua autoridade no céu e na terra e diz que eles devem partir da Galileia, fazer novos discípulos em todos os lugares, batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinar as pessoas a observar o que ele ensinou (v. 18-20). Por fim, Jesus se compromete a estar com eles todos os dias, até o fim dos tempos (1,23; 18,20; 28,19).

Doravante, a comunidade será a presença de Jesus no mundo por todas as partes e para todas as pessoas. A ascensão de Jesus significa sua permanência fiel entre as pessoas, já sem o limite material do espaço e do tempo, mas eternamente junto à humanidade, em missão até a plenitude. O que ele ensinou e deixou como herança será comunicado por quem nele crê.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Ao celebrarmos a entrada de Jesus na glória, não comemoramos uma despedida ou um distanciamento, mas sim nova forma de presença. Jesus se faz mais radicalmente próximo da humanidade ao subir aos céus. Seu retorno ao Pai é o modo de fazer-se presente junto a todos e em todos os lugares.

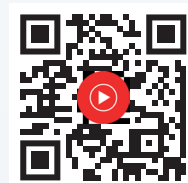
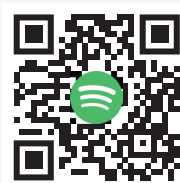
Assim, a Ascensão de Jesus nos desafia a romper a estreiteza de nossa vida para expandi-la para horizontes mais inspiradores. Vemos Jesus agora em todos os rostos. Ele se identifica com toda a humanidade e continua a caminhar pelas “Galileias” dos excluídos, das periferias, dos pobres, acampando junto àqueles que vivem às margens.

Cada ano, desde 1967, por ocasião desta solenidade, a Igreja comemora o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Com isso, observamos a relação entre a ascensão de Jesus e nossa missão de anunciar o Evangelho por diferentes meios e em todos os lugares. Comumente, o papa apresenta uma mensagem para a reflexão sobre esse tema. No ano anterior, ele convidou a todos para a escuta atenta com o ouvido do coração e, neste ano, convida a falar com o coração.

É tempo de criatividade e de crescimento responsável no seguimento de Jesus. O Espírito Santo não nos oferece receitas para nossos desafios, mas nos ilumina e nos inspira a fim de buscarmos caminhos sempre novos e alternativos para atualizar o modo de ser e agir de Jesus. Desse modo, contemplemos as maravilhas celestiais com atenção à realidade que nos circunda para melhor amarmos e servirmos.

PENTECOSTES

28 de maio



Proclamar as maravilhas de Deus

I. INTRODUÇÃO GERAL

A solenidade de Pentecostes é celebrada no quinquagésimo dia após a Páscoa. Nela, fazemos memória do cumprimento da promessa de Jesus a seus discípulos (Jo 16,7-24; Lc 24,49; At 1,8).

Os judeus a celebravam recordando, sobretudo, o dom da Aliança entre Deus e o povo de Israel. Era considerada uma das três grandes festas de peregrinação a Jerusalém (Ex 23,14-17; 34,18-23). Ela tem origem agrícola, por causa das primícias da colheita do trigo (Ex 23,16), e depois, com

a restauração do culto, no período persa, adquiriu o significado de renovação da Aliança (2Cr 15,10-15). Então, imagina-se que, naqueles dias, para essa celebração, Jerusalém ficasse repleta de peregrinos judeus de todas as partes.

Para nós, cristãos, o sentido da solenidade é o evento narrado na primeira leitura (At 2,1-11). Os discípulos, reunidos em Jerusalém, experimentam a força de Deus e passam a anunciar corajosamente suas maravilhas realizadas por meio de Jesus. Muitas pessoas aderem a essa mensagem, nela acreditam e formam comunidades de fé que confessam Jesus como Senhor (1Cor 12,3b-7.12-13).

No Evangelho (Jo 20,19-23), Jesus visita seus discípulos para soprar sobre eles seu Espírito. O que ouvimos em Pentecostes (At 2,1-11) se encontra narrado de outra maneira por João. Há uma mudança dos seguidores de Jesus: de medrosos galileus passam a ser proclamadores do Evangelho a todos os povos. O Espírito Santo faz a Igreja nascer em Pentecostes a partir da ressurreição de Jesus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 2,1-11)

Os discípulos, como judeus observantes, permaneciam em Jerusalém após a Páscoa (Lc 22,1-2), esperando chegar o dia de Pentecostes. Perseveravam na oração (At 1,14) para que se cumprisse a promessa de Jesus. No dia de Pentecostes, o Espírito Santo prometido vem sobre eles, impulsionando-os ao anúncio do Evangelho.

Os discípulos se encontravam “reunidos no mesmo lugar” (v. 1). Possivelmente, sentiam-se ameaçados e sofriam com o risco de morte como a de Jesus. Mesmo com os encontros com o Ressuscitado, ainda não ousavam espalhar a Boa-nova na qual acreditavam. Contudo, na perseverança da oração, experimentam o Espírito Santo vindo sobre eles como um vento forte e línguas de fogo (v. 3; Is 5,4), sinais de manifestação divina.

Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum

Papa Francisco



Lançada em maio de 2015, esta encíclica trata do cuidado com o meio ambiente e com todas as pessoas, bem como de questões mais amplas da relação entre Deus, os seres humanos e a Terra.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

O Espírito faz os discípulos falar novas línguas e proclamar, de maneira compreensível a todos, as maravilhas de Deus. Pessoas de todas as partes conhecidas do mundo antigo se encontravam em Jerusalém (v. 9-10) e escutavam a respeito dos feitos de Deus. Pela ação do Espírito Santo, o grupo acanhado de galileus se torna intrépido proclamador do Evangelho de Jesus a todos.

Ao final, lê-se que alguns ficaram perplexos com o evento e se perguntaram: “Que é isso?” (v. 12), enquanto outros, incrédulos, zombavam do que se passava e achavam que os discípulos se houvessem embriagado. Pentecostes faz pensar e convida à fé desde quando aconteceu pela primeira vez até nossos tempos.

2. II leitura (1Cor 12,3b-7.12-13)

A comunidade de Corinto era conhecida pelos seus problemas, que exigiam do apóstolo Paulo recorrentes orientações a fim de organizá-la para o testemunho da fé em Cristo. Por isso, chegaram até nós alguns dos ensinamentos do apóstolo para a comunidade mediante suas cartas.

Corinto foi reconhecida por Paulo como uma comunidade abundante de dons (1Cor 1,4-5.7), e nela os cristãos buscavam zelosamente os carismas espirituais, exagerando a ponto de quererem os mais espetaculares, principalmente a glossolalia.

Isso era considerado pelos membros da comunidade como um sinal da pertença das pessoas às realidades divinas. O Espírito Santo era visto por alguns membros unicamente em suas manifestações extáticas e extraordinárias, à semelhança dos cultos pagãos a Baco e Pítia. Os oráculos e os comportamentos frenéticos produzidos eram conhecidos pelos coríntios, em virtude de sua prática religiosa passada.

Então, Paulo ensina a respeito da ação do Espírito de Deus. O Espírito promove a Igreja, comunidade dos que creem no

Cristo, e leva à confissão de fé em Jesus como “Senhor” (v. 3; Fl 2,11), título dado a Deus no Antigo Testamento.

Nessa seção (1Cor 12-14), Paulo escreve à comunidade de Corinto sobre os carismas e lhe aconselha a unidade no amor. O Espírito Santo move as pessoas para o serviço nos diversos ministérios na Igreja “em vista do bem comum” (v. 7).

Assim, a Igreja é como um corpo, o de Cristo, com diferentes membros (v. 12). Entretanto, esses membros não podem viver apartados uns dos outros; antes, devem formar unidade, gerada pela mesma fé em Cristo. Tal unidade não significa uniformidade; ao contrário, o texto destaca as diferenças (v. 5), direcionando para a unidade.

Todos os carismas devem ser avaliados segundo o princípio: “Que tudo se faça para a edificação!” (1Cor 14,26). Paulo valoriza os dons espirituais e enfatiza que o Espírito quer atuar como princípio de ordem e integração comunitária. Para isso, eis um caminho precioso: o amor (1Cor 13,1-13), o centro e a meta da vida carismática. O amor é o oposto do individualismo, não procura a própria satisfação e suporta o mal.

3. Evangelho (Jo 20,19-23)

O Evangelho traz a narrativa da vinda do Espírito Santo em João, em continuidade com a “exaltação” de Jesus (morte e ressurreição). O mesmo trecho bíblico proclamado no 2º domingo da Páscoa é retomado agora, com ênfase no cumprimento da promessa do dom de Jesus aos discípulos: o Espírito Santo, que os impele a continuar o anúncio iniciado por ele.

A cena ocorre na tarde do primeiro dia da semana e com as portas fechadas (v. 19). Os discípulos se encontravam com medo, sentindo sua vida ameaçada e sem perspectivas por causa da ausência do Mestre.

Jesus vai aos discípulos e se coloca no meio deles, desejando-lhes a paz e apresentando as mãos e o lado. Aquele que fora

abandonado regressa àqueles que o abandonaram. Ele, que caminhou com os discípulos por tantas estradas, encontra-os fechados e quietos naquela sala.

Os discípulos se enchem de alegria por verem o Senhor (v. 20). A situação conflituosa e perturbadora é convertida em profunda alegria, entusiasmo, ânimo e coragem. O inverso daquilo que os discípulos sentiam antes desse encontro com o Ressuscitado. A experiência da ressurreição de Jesus é transformadora, empolgante e arranca o ser humano da própria angústia, abrindo-o à felicidade plena e ao sentido da vida.

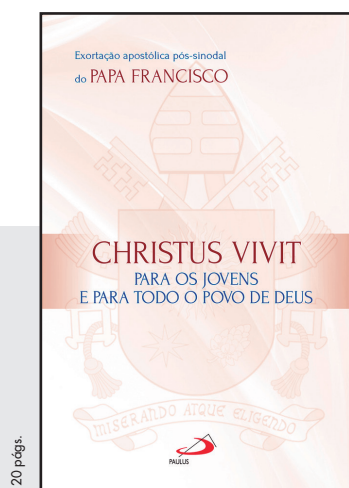
A paz que Jesus deseja aos seus discípulos não é mera quietude ou ausência de problemas (v. 19.21). Ao contrário, as primeiras pessoas que seguiam Jesus corriam mais risco de vida do que nós na atualidade. A saudação, em hebraico *shalom*, representa um estado de plenitude e integração com Deus, com as pessoas, com a sociedade e com a criação. A paz realizada por Jesus (Jo 14,27) e comunicada aos discípulos não se restringe a eles, mas alcança a todos os que dela necessitam. Quem a recebe também se torna um sinal de paz no mundo.

A paz vem acompanhada de alegria (v. 20). O luto pela morte de Jesus, o possível remorso pelo abandono do Mestre e a decepção com o aparente final de uma mensagem entusiasmante parecem minúsculos diante do encontro com o Ressuscitado e da transformação que ele provoca no grupo.

Ainda falando, Jesus acrescenta: “Como o Pai me enviou, também vos envio” (v. 21). Os discípulos têm a tarefa de anunciar e testemunhar aquela experiência de fé que lhes converteu o coração. Doravante, a intrepidez, a ousadia e o destemor devem caracterizar a nova postura de vida e a proclamação da ressurreição de Jesus, o qual apresenta também suas chagas glorificadas como sua identificação e registro de sua entrega amorosa a Deus e à humanidade.

Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit* para os jovens e para todo o povo de Deus

Papa Francisco



120 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Esta exortação apostólica do papa Francisco traz um diálogo magisterial com a realidade dos jovens, inspirado pelas reflexões feitas no Sínodo dos Jovens. O documento trata de diversos temas: animação bíblica e juventude; Jesus como modelo para o jovem; Maria, a jovem de Nazaré; a santidade; entre outros.



Aponte a câmera do
seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

Os discípulos recebem então o Espírito Santo, a fim de continuarem a missão de Jesus Cristo, proclamando e realizando o que foi sua missão: o perdão dos pecados (v. 23). Testemunhar o Ressuscitado significa viver impelido pelo Espírito de Deus que foi soprado sobre todos, dando vida nova, plena e em comunhão definitiva com Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O sopro de Jesus desloca os discípulos de uma condição estática para uma nova dinâmica de vida, comprometida com a prática do amor. Retira-os da sala com portas fechadas e recoloca-os nas trilhas das nações, a fim de que a Boa-nova chegue aos confins da terra (At 1,8). Esse sopro pedimos e acolhemos nesta liturgia.

O vento do Espírito nos movimenta. Somos tirados do comodismo para chegarmos a outras pessoas, propondo um encontro com o Senhor. Podemos abandonar os medos que trazemos (violência, complexidade social etc.) e as ameaças atuais (indiferença, rejeição etc.) com um Pentecostes em nós – não por meio de barulhos ou frenesis, mas pela eloquente presença do seu Espírito, que faz renascer todas as coisas (Sl 104,30).

SANTÍSSIMA TRINDADE

4 de junho



O amor, a comunhão e a presença

I. INTRODUÇÃO GERAL

No domingo seguinte a Pentecostes, a Igreja celebra a solenidade litúrgica da Santíssima Trindade. Muitas pessoas não aprofundam suficientemente a fé para melhor compreensão desse mistério central e

cultivam a ignorância sobre a revelação divina. Aham que se trata de um tema acessível apenas a alguns.

Por isso, a liturgia da Palavra apresenta a Deus por meio da história da sua relação com seu povo, e não pela linguagem dogmática conceitual. Nos eventos históricos de Israel, Deus se mostra como relação que se plenifica em Jesus, o Verbo feito carne. O Espírito é enviado para que outras pessoas continuem a reconhecer o amor desmesurado do Pai ao Filho e do Filho ao Pai, o qual se derrama nos seres humanos.

De fato, assim como observamos a ação de Deus na história do povo da Bíblia, podemos também contemplá-la em nossa própria história. Concluiremos, com isso, que Deus é amor, porque vemos, em tantos acontecimentos presentes e passados, como ele cuida de nós. A celebração da liturgia deste domingo é uma maneira de confessar esse mistério de comunhão e proclamar a nomeação cristã de Deus: Pai, Filho e Espírito Santo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 34,4b-6.8-9)

Na primeira leitura, Deus se revela ao seu servo Moisés como “graça e verdade” (v. 6). Ao contrário dos deuses dos outros povos, o Deus de Israel se comunica com seu povo, conhece suas fraquezas e age para libertá-lo da escravidão do Egito (Ex 3,7-12).

Mesmo quando o povo “de cabeça dura” quebra a Aliança (v. 9), Deus a renova e permanece fiel. O evento da travessia no deserto para a Terra Prometida (êxodo) faz que Israel reconheça a presença de Deus invisível, mas real, nos acontecimentos diários. Assim, a graça e a verdade, características de Deus na libertação de Israel, são contempladas na humanidade de Jesus, o unigênito do Pai (Jo 1,14).

A atitude reverente de Moisés demonstra sua confiança em Deus (v. 9), que perdoa e é cheio de ternura e de piedade (v. 6).

De igual modo, reverenciamos esse mistério que ouvimos nas Escrituras e percebemos em nossa história de vida.

Deus não é um terrível vingador que guarda os erros humanos para puni-los, nem um cruel que põe o ser humano à prova para reclamar a fé e o amor. Essas imagens pertencem a uma compreensão primitiva, pré-cristã e não bíblica de Deus. Mesmo que, em algumas passagens, ele apareça como um juiz, a revelação divina se plenifica em Jesus Cristo, que mostra quem, de fato, é Deus (Jo 1,18; 14,9).

2. II leitura (2Cor 13,11-13)

Paulo, na segunda leitura, dá suas últimas recomendações práticas às pessoas da comunidade de Corinto. Alegria, paz, concórdia e amor são sinais de que Deus se faz presente entre essas pessoas (v. 11).

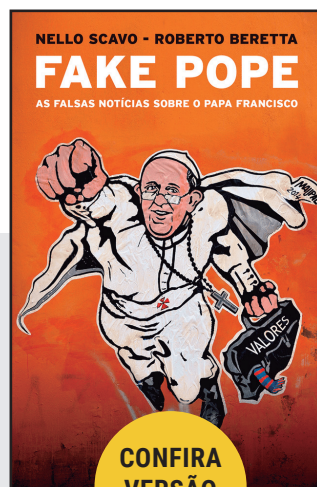
O que os coríntios têm pela fé deve ser transmitido uns aos outros (v. 12). O ósculo santo litúrgico representava a fraternidade cristã e comunicava o que se tinha de melhor à outra pessoa (Rm 16,16; 1Cor 16,20; 1Ts 5,26).

Por fim, Paulo expressa sua experiência de fé cristã ao desejar à comunidade de Corinto que “a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós” (v. 13). A “fórmula” à qual o autor recorre demonstra a experiência comunitária de vivência da fé em Cristo, que gera comunhão entre as pessoas.

Observe-se que a saudação permanece em nossas liturgias. Majoritariamente, no Novo Testamento, Jesus é designado como Senhor, que é a maneira de traduzir o tetragrama divino do Antigo Testamento. Deus é o Pai de Jesus, que adota os seres humanos a partir de seu Filho. O Espírito é o de Deus, santo e santificador, que moveu o Filho de Deus e foi dado a todos os que creem nele. A descrição bíblica considera a sobriedade das palavras e a história da salvação plenificada em Cristo.

Fake pope: as falsas notícias sobre o papa Francisco

Nello Scavo / Roberto Beretta



272 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

A obra apresenta acusações inventadas sobre o papa Francisco e que é preciso combater, pois as consequências podem comprometer o trabalho de anos e a caminhada da Igreja. Mostra que é preciso distinguir para não confundir e, acima de tudo, educar para contínua busca pela averiguação.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

O pequeno texto da leitura demonstra como a fé na Trindade implica uma forma de ser e de estar no mundo. Nossa presença e nossa missão fazem do mundo em que vivemos um lugar pleno da presença divina. A fé trinitária nos expande, lança-nos em direção à humanidade e nos capacita para sermos seres de encontros fecundos com Deus e com todas as criaturas.

3. Evangelho (Jo 3,16-18)

O trecho do Evangelho de João sugerido para esta solenidade explicita a dinâmica do mistério trinitário, narrando o envio do Filho pelo Pai por amor à humanidade: “Deus amou tanto o mundo, que deu seu Filho único, para que todo que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (v. 16).

Conforme visto na primeira leitura, Deus age em prol de seu povo, e essa ação atinge a plenitude no envio de seu Filho amado. Jesus é o amor de Deus (Pai) feito história humana. Ele nos ensina a chamar o Deus de Israel de Pai – não apenas de um único povo, mas de toda a humanidade (Mt 6,9). O Espírito Santo vem em nosso auxílio para clamarmos *Abbá* (Pai), de acordo com o ensinamento de Jesus (Rm 8,15).

A imagem de um Deus severo e punitivo não se sustenta a partir de Jesus Cristo, que veio para salvar, e não para julgar ou condenar (v. 17). A missão de amor do Filho é a salvação humana. Ela se realizou por sua morte e ressurreição. Quem acredita em Jesus acolhe o dom da salvação oferecida por ele. Quem recusa essa oferta de amor se condena a si próprio. Deus, que visitou Moisés e o povo no deserto, mostra-se na humanidade de Jesus, que viveu movido pelo seu Espírito, doado a toda a humanidade.

A Trindade é, antes de tudo, amor recíproco entre as três Pessoas. Os antigos Padres da Igreja entendiam o mistério da Trindade não de uma forma estática, e sim ativa, como

uma dança. Eles fizeram uso de um termo inspirador para descrever tal dança trinitária: *perichoresis*. Essa imagem expressa bem a contínua interação recíproca que caracteriza o dinamismo intratrinitário. Nela, um faz a dança ao redor do outro, o outro dança ao redor do primeiro, em um constante e recíproco circundar-se.

Assim, a salvação oferecida pelo Filho pode ser compreendida como um convite a entrar nesse baile, no belo movimento coreográfico da vida de Deus em nós e da nossa vida em Deus. A participação na dança divina da Trindade é o coração da vida cristã, é o tornar-se filho(a) na ação do Espírito Santo.

Dançamos juntos enquanto deixamos Deus nos tomar pela mão, conduzir-nos pelo seu Espírito para irmos ao encontro do seu Filho. A grande dignidade do ser humano está no fato de estarmos no centro do “círculo dançante de Deus”.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O mistério da Trindade não é uma “invenção” dogmática da Igreja posterior, mas a maneira cristã de experimentar a Deus, que é amor (1Jo 4,8.16). E o amor exige relação com o diferente.

O cristão conhece a Deus com base na existência humana de Jesus. Jesus revela que Deus é Pai e está unido a ele, e ele ao Pai, por meio do Espírito Santo. Portanto, o amor de Deus manifestado na vida de Jesus, por meio de seus ensinamentos com palavras e gestos, revela a paternidade de Deus, e o ser humano se torna filho(a) de Deus no Filho, Jesus.

O Espírito Santo, que habitou Jesus em sua vida, transborda de amor do Pai para o Filho e do Filho para o Pai. Tal amor transbordante chega ao coração (interior) humano para vivermos como filhos e filhas de Deus. O Espírito Santo é o amor de Deus presente em nosso coração para vivermos na comunhão com o Pai e o Filho.

A presença divina no ser humano é para movê-lo ao amor. O dom de Deus presente em nós é para amarmos uns aos outros como ele nos amou (Jo 15,12; 1Jo 3,23; 4,21). Para as Escrituras, o amor consiste mais em ações de verdade do que em palavras (1Jo 3,18). Viver a fé trinitária significa praticar o amor conforme Jesus nos apresentou em sua existência humana.

Que a celebração do mistério da Trindade colabore com uma vida de comunhão uns com os outros na comunidade. O que professamos com os lábios na liturgia deve ser praticado em nosso cotidiano. Crer no Deus trino é também se dispor para amar o diferente e comungar com todos.

CORPO E SANGUE DE CRISTO

8 de junho



Comer o corpo e beber o sangue de Cristo

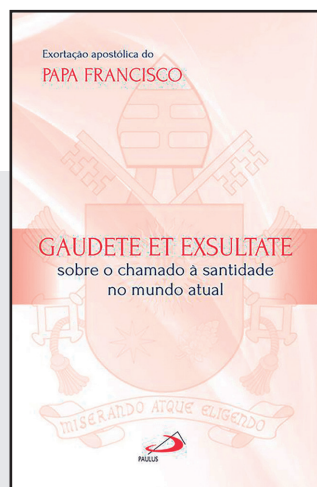
I. INTRODUÇÃO GERAL

A solenidade de Corpus Christi ocorre na quinta-feira após o domingo seguinte a Pentecostes. Embora a instituição da Eucaristia seja celebrada no início do Tríduo Pascal (na Quinta-feira Santa), hoje se recorda, de modo semelhante, o mesmo mistério. A mensagem da nossa redenção se mantém nas festas celebradas sucessivamente à Páscoa.

A primeira leitura (Dt 8,2-3.14b-16a) convida o povo de Israel a um olhar retrospectivo sobre a própria história para reconhecer os cuidados de Deus no deserto. Ele guiou e sustentou seus eleitos rumo à Terra Prometida. Paulo, na segunda leitura (1Cor 10,16-17), explicita o significado do pão e do vinho na ceia eucarística: o corpo

Exortação Apostólica - *Gaudete et Exsultate:* sobre o chamado à santidade no mundo atual

Papa Francisco



88 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Esta exortação trata do chamado universal à santidade no mundo contemporâneo e oferece aos leitores indicações preciosas para trilhar o caminho da santidade, delineado pelo próprio Jesus em suas bem-aventuranças.



Aponte a câmera do
seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

e sangue do Senhor para formar unidade. No Evangelho (Jo 6,51-58), Jesus esclarece o sentido do pão dado por ele, relacionando-o consigo mesmo. Ele é o pão vivo descido do céu (Jo 6,51).

Tradicionalmente, esta liturgia se realiza em meio a grandes pompas, honras, cânticos e suntuosas procissões. Belos tapetes são confeccionados nas ruas para que o cortejo, carregando o ostensório com o corpo de Cristo, passe por ali. Todavia, é igualmente importante uma procissão interna, deixando o corpo de Cristo circular por nosso corpo, para que este fique mais “cristificado”. Somos convidados a ser ostensórios vivos que portam a presença de Cristo por onde passamos, manifestando seu amor no mundo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Dt 8,2-3.14b-16a)

A leitura se inicia com a indicação para recordar o passado, a fim de perceber os feitos de Deus na história do povo de Israel. Os acontecimentos transcorridos atestam quanto Deus conduziu seu povo, cuidou dele, alimentou-o no deserto e lhe ensinou que não se vive apenas de pão, mas de tudo que sai da boca do Senhor (v. 3).

A imagem do deserto representa também a pedagogia de Deus com seu povo, que não consiste em fazer o povo sofrer, passando por diferentes penúrias. A travessia do êxodo é período de transformação, no qual aquele bando de gente se constitui o povo de Deus e reconhece, em meio a tudo o que passa, o sustento de Deus, fazendo jorrar água da pedra e dando-lhe um alimento descido do céu para que se satisfaça (v. 16a).

Esse olhar retrospectivo também serve para nossa história pessoal. Contemplando-a, verificamos a ternura de Deus nos diferentes processos de nossa vida. Da mesma forma que alimentou e sustentou seu povo no deserto, ele cuida de nós para nos mantermos firmes e perseverantes em seus caminhos.

A Eucaristia celebrada se torna momento dessa memória agradecida e sustento para o porvir.

2. II leitura (1Cor 10,16-17)

A leitura se insere em um conjunto de orientações de Paulo (1Cor 8-10) para os coríntios se conscientizarem da nova maneira de viver, conformados a Cristo. Muitos membros da comunidade queriam continuar com práticas antigas, do tempo em que pertenciam ao paganismo.

Alguns coríntios insistiam em se alimentar de carnes sacrificadas aos ídolos, vendidas nos açougues públicos, e em participar de ritos e banquetes pagãos (1Cor 8,1). Os imaturos na fé, recém-convertidos, viam nesses atos uma sedução para recair na idolatria, enquanto os mais antigos na comunidade se preocupavam com a satisfação pessoal e não se importavam com o escândalo que causavam aos mais débeis.

As celebrações eucarísticas também manifestavam as rupturas comunitárias e a incompreensão daquela ceia. Havia confusão sobre o sentido eucarístico daquela reunião, que se tornara momento de consumação de comidas e bebidas por parte dos ricos, com exclusão dos mais pobres (1Cor 11,17-22). O problema não era tanto o rito eucarístico, mas a consequência efetiva da celebração, que deveria ser a ágape fraterna.

A identidade religiosa se relacionava com a identidade social, de modo que Paulo exigia, na aceitação da nova fé, uma mudança também na conduta, com o abandono de costumes tradicionais. A fé em Cristo não era conciliável com as variadas práticas pagãs.

Os versículos da leitura propõem duas interrogações importantes para a compreensão da Eucaristia. O vinho abençoado não é comunhão com o sangue do Senhor? E o pão partilhado não é comunhão com o corpo do Senhor (v. 16)? Paulo quer ensinar que o pão e o vinho, alimentos da celebração, não podem ser confundidos com qualquer coisa, mas devem ser

compreendidos como o que são, na realidade: o corpo e sangue do Senhor, isto é, sua história humana, sua carne, sua vida, seus sonhos, seu projeto etc. Alimentar-se na Eucaristia é acolher o mistério de Cristo e comprometer-se com ele.

No v. 17, Paulo demonstra outro aspecto da Eucaristia: a unidade. Um único pão, tornado corpo de Cristo, é repartido para todos, e todos se tornam o corpo de Cristo (At 2,42; 1Cor 12,27; Rm 12,5). Portanto, entre os coríntios não deveria haver divisões, exclusões ou acepções de pessoas. A Eucaristia faz a “comum-unidade”!

3. Evangelho (Jo 6,51-58)

O Evangelho desta solenidade não repete a cena da instituição da Eucaristia. Lemos uma catequese eucarística que se desenrola em Cafarnaum (Jo 6,24-25), por consequência da multiplicação dos pães (Jo 6,1-14).

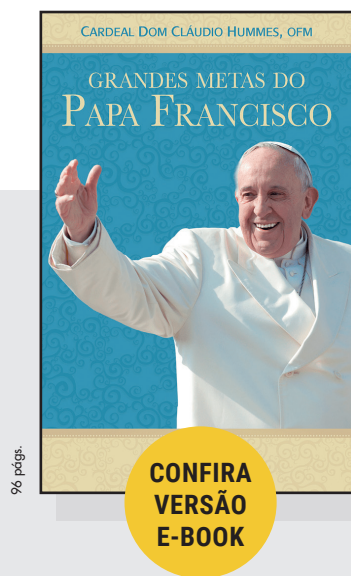
O trecho bíblico em questão nos revela que a união ativa do discípulo com Jesus se expressa, doravante, mediante a metáfora do comer e do beber. Jesus sintetiza seu ensinamento, explicitando qual alimento ele oferece. O pão vivo que desceu do céu é sua carne para a vida do mundo (v. 51). O sermão poderia se concluir aqui.

Antes (Jo 6,35-50), Jesus falava do pão que o Pai daria; agora, ele explicita seu anúncio, falando do dom de sua vida (sangue e carne) na cruz. Exatamente nesse momento, Jesus será, mais do que nunca, mensagem e Palavra do Pai, Palavra de amor até o fim. Evidentemente, os judeus não entendem seu ensinamento (v. 52) e murmuram contra ele, como os antepassados no deserto (Jo 6,41.43; Ex 16,2; 17,3; Nm 11,1; 14,27).

Jesus não ameniza suas palavras nem diminui a força de sua mensagem por causa da incompreensão de alguns. Ele explica que quem não come a carne do Filho do Homem e não bebe seu sangue não tem vida em si. Em contrapartida, quem come (literalmente “mastiga”) sua carne e bebe seu sangue tem a vida eterna

Grandes metas do papa Francisco: homenagem aos seus 80 anos de idade

Cardeal Dom Cláudio Hummes



Imagens meramente ilustrativas.

O autor lembra e expõe, de forma breve, as principais grandes metas do pontificado de Francisco. Aproveita para homenageá-lo pela passagem de seu aniversário de 80 anos.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

oferecida por ele e participará da ressurreição do último dia (v.53-54). Portanto, aquelas pessoas que celebram o memorial do corpo e sangue do Senhor acolhem a eternidade por meio do comer o pão e beber o vinho. Jesus permanece nelas e elas com Jesus (v. 56-57).

A palavra “carne”, preciosa para João (1,14), designa a realidade humana com suas possibilidades e fraquezas (Jo 3,6;8,15). A humanidade de Jesus, sua existência terrena e o mistério de sua vida são oferecidos para que quem nele crê possua a vida eterna.

É preciso participar da comunidade reunida em torno do sacramento, refeição material na qual Jesus se torna presente pelo dom de sua vida humana (sua carne) e de sua força vital (seu sangue derramado na cruz). Optar por Jesus não é questão meramente individual, mas também comunitária. Ninguém é fiel sozinho.

Quem se alimenta do que Jesus oferece tem a vida dele em si. Por fim, a fala de Jesus se conclui com um eco do que foi lido nos v. 48-51. Jesus é o pão que desceu do céu. Não é como aquele pão que os antepassados comeram. Eles morreram! O que come deste pão viverá para sempre (v. 58).

A passagem se encerra com a afirmação de que quem crê em Jesus tem a vida eterna (Jo 3,15.16.36). Ele é o pão da vida. Os antepassados dos interlocutores de Jesus comeram o maná no deserto e morreram por lá. O maná saciava apenas a matéria, que se deteriora com o tempo. Jesus é alimento que vem de Deus, pois desceu do céu para gerar vida eterna em quem dele se aproxima. Ele não apenas dá a vida, mas também possui a vida em si mesmo (Jo 1,4; 5,26).

A Eucaristia dada por Jesus e celebrada por nós é o memorial dessa entrega de si que culminou na cruz. Cada vez que comungamos do pão “eucaristizado”, estamos acolhendo o dom de sua vida, entregue por amor a cada um de nós. Esse alimento gera a vida eterna em nós e nos conduz à eternidade definitiva, para a qual fomos criados.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

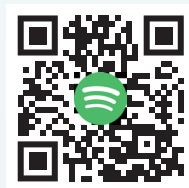
Os cristãos que celebravam a Eucaristia se sentiam impelidos a assumir o que o sacramento significava, conscientes de que recordavam o que Jesus tinha sido e comprometendo-se a viver como ele viveu.

É preciso sacudir nossa rotina e mediocridade. Não podemos comungar com Cristo na intimidade de nosso coração sem comungar com os irmãos e irmãs que sofrem. Não podemos compartilhar o pão eucarístico ignorando a fome de milhões de seres humanos, privados de pão e de justiça. É uma ofensa darmos a paz uns aos outros ao mesmo tempo que somos canais propagadores de ódio, preconceito e intolerância. É um engano manifestar que estamos em comunhão junto à mesa quando, na realidade, somos mediadores da “cultura da indiferença”.

Participar da Eucaristia não pode ser mero cumprimento de preceito religioso, mas deve ser comprometimento com o que se celebra. Recebemos o corpo e sangue do Senhor para nos tornarmos sua presença no mundo atual. Assim como o Senhor amou até o fim, comungamos para amar com esse amor com o qual somos amados.

10º DOMINGO DO TEMPO COMUM

11 de junho



Deus quer misericórdia

I. INTRODUÇÃO GERAL

Passadas as celebrações do tempo pascal e das solenidades seguintes, retomamos os domingos do Tempo Comum e o itinerário formativo da humanidade de Jesus. É tempo de seguimento, de amadurecimento da experiência de fé e de aprofundamento no conhecimento de Cristo.

As leituras desta liturgia apresentam a preferência de Deus pelos pecadores. A profecia de Oseias declara que a misericórdia e o conhecimento de Deus são mais importantes do que sacrifícios e holocaustos. Paulo, na segunda leitura, argumenta que Abraão foi justificado pela fé e por confiar nas promessas de Deus. O Evangelho narra Jesus rebatendo a oposição dos fariseus por ele tomar refeição com os publicanos e pecadores. Deus se importa com quem mais precisa dele: os pecadores, os empobrecidos, os excluídos etc., pois quem se enche de si mesmo e das coisas não dá espaço ao amor de Deus.

Mais do que com atividades religiosas e práticas de piedade, cabe nos comprometermos com a autenticidade da nossa fé, que se manifesta na prática da misericórdia. Assim como Deus age com compaixão por nós, podemos agir da mesma maneira uns com os outros.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Os 6,3-6)

O profeta Oseias atuou durante o reinado de Jeroboão II (782-753 a.C.), último grande rei (do Reino do Norte) antes que Israel caísse nas mãos dos assírios (2Rs 17,1-23).

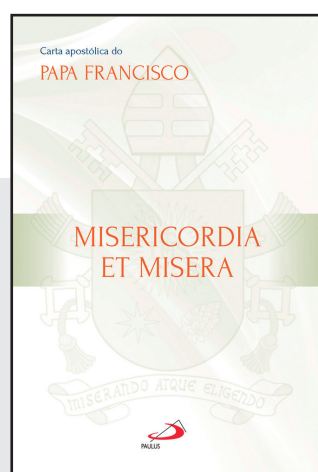
Era uma época de paz política (dinastia de Jeú – 2Rs 14,23-17,23), de prosperidade material e de decadência religiosa. O texto de Oseias se refere à época posterior a Jeroboão II e reflete a instabilidade política nas últimas décadas do Reino do Norte.

O trecho selecionado para a primeira leitura é um convite ao retorno ao Senhor, pois o povo tinha se desviado e praticado a idolatria. A passagem se inicia com um apelo ao conhecimento de Deus, que significa experiência e relação com o Senhor, pois ele agirá certamente como a aurora ou como a chuva em terra seca (v. 3).

Em contrapartida ao certo agir divino, o amor dos povos de Efraim e Judá era passageiro como um orvalho que seca ao nascer

Carta apostólica *Misericordia et Misera*

Papa Francisco



48 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Nesta carta, papa Francisco conclama os fiéis a darem continuidade aos frutos do Ano Santo, sobretudo através da prática das obras de misericórdia corporais e espirituais.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

do sol (v. 4; 13,3). Por isso, Deus enviou sua palavra pelos profetas para fazer com que seu direito apareça como luz radiante entre os povos.

Por fim, Deus expressa sua vontade (v. 6): mais *hesed* (amor, misericórdia, fidelidade à Aliança) e conhecimento de Deus do que sacrifício ritual e holocaustos. Conforme a profecia, agir de acordo com a Aliança significa mais do que cumprir os preceitos cultuais. É preciso um modo de vida pautado na misericórdia.

2. II leitura (Rm 4,18-25)

A carta aos Romanos foi escrita por Paulo durante sua terceira viagem missionária, quando ficou três meses na Grécia (Corinto), pouco antes de sua volta a Jerusalém em 57-58 d.C.

Ela se inicia com o cabeçalho (*praescriptum*, 1,1-7) e termina com uma saudação de despedida (*post-scriptum*, 15,33), notícias de projetos pessoais (15,14-33), um bilhete de recomendação de Febe (16,1-2), saudações finais (16,3-23) e uma doxologia de conclusão (16,25-27). O corpo da carta, a seção central, divide-se em duas partes principais: a primeira de orientação mais dogmática (1,18-11,35), e a segunda de orientação mais exortativa ou parenética (12,1-15,13).

O texto da segunda leitura se localiza na primeira parte da carta, quando Paulo conclui parte de sua explicação de que a justificação acontece por meio da fé em Jesus Cristo e não pelas obras da Lei, como pensavam os judeu-cristãos.

Paulo acolhia na comunidade cristã todos aqueles que aderiam à fé em Jesus Cristo, sem que primeiro passassem pelo judaísmo. Isso suscitava a questão da necessidade do cumprimento da Lei (costumes judaicos) para alguém alcançar a “justificação” (a amizade com Deus). A resposta desenvolvida na carta aos Romanos consiste

em que o ser humano é justificado pela fé em Jesus Cristo (Rm 3,28). Paulo rejeita, como uma atitude de orgulho inaceitável, as obras que contabilizamos para apresentá-las a Deus como mérito.

A figura de Abraão, pai da fé, é evocada na argumentação do apóstolo (v. 18). Porque ele acreditou (Gn 15,5), tornou-se pai de muitos povos, apesar de sua velhice e da esterilidade da esposa Sara (Gn 17,1.19; Hb 11,11). Ele esperou contra toda esperança.

Diante da promessa de Deus, Abraão não vacilou na fé por causa das aparentes impossibilidades. Ele glorificou a Deus, aguardando o agir divino e acolhendo o cumprimento da promessa em Isaac (Gn 18,14).

Assim, os cristãos creem em Deus, que ressuscitou Jesus dentre os mortos para a justificação de quem crer. Portanto, o ser humano se justifica (torna-se amigo de Deus) por essa fé, não cumprindo os antigos preceitos mosaicos.

Tanto na primeira quanto na segunda leitura, lemos a relativização da prática externa da Lei. Não adianta fazer inúmeras coisas “em nome da Lei” sem que essa ação seja consequência da fé e da misericórdia.

3. Evangelho (Mt 9,9-13)

A comunidade mateana era majoritariamente formada por cristãos convertidos do judaísmo. Alguns termos, a estrutura literária, a argumentação rabínica, a maneira de citar o Antigo Testamento e as categorias teológicas demonstram o caráter judaico de Mateus.

Havia uma preocupação com a organização da vida em comunidade, distinguindo-se do judaísmo, que se reordenava após a destruição do templo. Os cristãos assistiram à Guerra Judaica (66-70 d.C.) e sabiam do que acontecera a Jerusalém. Aos poucos, as sinagogas vão excluindo os seguidores de Jesus da participação dos ritos.

Então, Mateus conscientiza os cristãos de que eles são o verdadeiro Israel, pois, em Jesus, a herança de Israel se tornou universal, como fora prometido a Abraão (Gn 12,2-3).

O episódio do Evangelho deste domingo mostra o chamado de Mateus e a convivência de Jesus com os cobradores de impostos e publicanos. Após o Sermão da montanha (Mt 5-7), o evangelista descreve a atividade de Jesus por meio de dez milagres em favor do povo (Mt 8-9). Jesus ensina a agir com acolhida e misericórdia, ao contrário dos fariseus, que murmuravam e o criticavam.

Passando pelas ruas, Jesus viu Mateus exercendo seu ofício de cobrador de impostos (v. 9). Essa profissão era malvista pelos líderes religiosos judaicos, porque demandava contato com pagãos (ímpuros) e recolhimento do dinheiro deles para o Império Romano, envolvendo, muitas vezes, injustiça e favorecimento próprio.

Jesus não se importa em se aproximar de alguém “desprezado” pela religião do seu tempo. Ele chama Mateus para segui-lo, da mesma forma que Deus agia no Antigo Testamento, contando com pessoas frágeis para realizar grandes coisas (Ex 3,11; Jz 6,15; Is 6,4).

Em seguida, Jesus se encontra na casa de Mateus, à mesa com publicanos e pecadores (v. 10). Tomar refeição juntos significava amizade e comunhão. Os fariseus, então, criticam Jesus por se rodear de gente mal-afamada e tratá-la como “amigos” (v. 11). Provavelmente, não era um comportamento comum entre os mestres de Israel. Jesus se mistura com gente impura perante a Lei.

A reação à reprovação dos fariseus é um ensinamento: os doentes precisam de médico, logo são os pecadores que precisam da misericórdia de Deus manifestada em Jesus (v. 12). A presença de Jesus entre os rejeitados pela religião trazia a salvação pela

Amoris Laetitia: sobre o Amor na Família - Exortação Apostólica Pós-sinodal

Papa Francisco



208 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Apesar dos numerosos sinais de crise no matrimônio, o desejo de constituir família permanece vivo, especialmente entre os jovens, e isso alegra a Igreja. A obra é uma resposta a esse anseio. “O anúncio cristão sobre a família é verdadeiramente uma boa notícia.”



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

misericórdia, não por ameaças. Aqueles fariseus se achavam justos e, por isso, não acolhiam a Boa-nova anunciada e praticada por Jesus.

Como um mestre diferente, Jesus ainda recorre ao profeta Oseias para fazê-los pensar no que significa “misericórdia eu quero, não sacrifícios” (Os 6,6; Mt 9,13). Enquanto outros interpretavam a Lei para viverem melhor conforme a Lei, Jesus partia da realidade das pessoas com as quais se encontrava para interpretar a Lei. Ele aproximava o Reinado de Deus das pessoas.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As religiões se cercam de ritos, costumes, práticas e regras para se organizarem e ajudar as pessoas em seu processo espiritual. Todavia, algumas vezes as normas se sobrepõem ao humano, prejudicando-o na finalidade de crescimento pessoal.

As leituras mostram que Deus prefere a sinceridade interna para a conversão a uma externalidade julgadora do próximo. Quem são hoje os que observam mais os outros que a si mesmos? Quem são os que ficam recomendando o que Deus deve ou não fazer com as pessoas, como se fossem “donos” de Deus? Quem são os apegados às rubricas e à letra da Lei para julgar os outros? Cada um deve dirigir essas questões primeiramente a si próprio, a fim de se abrir livremente para a misericórdia consigo e com os outros.

Por fim, o papa Francisco, na Carta Apostólica de conclusão do Jubileu da Misericórdia, afirma que “a misericórdia é esta ação concreta do amor que, perdoadando, transforma e muda a vida. É assim que se manifesta o seu mistério divino. Deus é misericordioso” (*Misericordia et Misera*, n. 2). Nosso modo de viver reflete nossa fé em Deus. Se crermos em um Deus castigador e severo, assim seremos com as pessoas. Se confiarmos na misericórdia divina, agiremos com compaixão uns com os outros.

11º DOMINGO DO TEMPO COMUM

18 de junho



Deus conta conosco

I. INTRODUÇÃO GERAL

O Tempo Comum é caracterizado como um tempo para o amadurecimento da graça batismal. Celebram-se nele os ensinamentos de Jesus, sua existência entre as pessoas e sua missão, realizada no mundo por amor a Deus e à humanidade.

Este domingo é um chamado e um envio para participar efetivamente da vida de Cristo. A primeira leitura apresenta a eleição de Israel e a Aliança de Deus com seu povo. A carta aos Romanos descreve a nova condição daqueles que estão, em Cristo Jesus, a caminho da salvação definitiva. Jesus, no Evangelho, convoca os doze para se dirigirem às ovelhas perdidas da casa de Israel. Nós hoje somos o novo povo eleito em Cristo para espalhar a mensagem do Evangelho a todas as pessoas e em todos os lugares.

A missão não consiste apenas em uma ação ou em um período de exercício de uma atividade. Ela é o estado comum do ser cristão. Por nossa fé, tornamo-nos missionários de Cristo. Recusar-se a viver essa dimensão da fé é desconsiderar o efeito batismal na pessoa humana.

Pelo batismo, somos inseridos no mistério da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus. Esse mistério não pode ser guardado para nós mesmos, como um tesouro a esconder. Ao contrário, deve ser compartilhado, proclamado, acreditado e celebrado. Todos os batizados são chamados e enviados em missão. Comprometamo-nos com o que celebramos, tornemos nossa vida uma missão!

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 19,2-6a)

O livro do Êxodo conta a libertação do povo de Israel da escravidão do Egito. Nessa travessia para a Terra Prometida, aquelas pessoas escravas se constituem o povo de Deus com base na experiência de fé nele no deserto.

O episódio da primeira leitura deste domingo relata esse momento, no qual Deus reúne o povo, sob a liderança de Moisés no Sinai, e anuncia a Aliança. Israel é eleito entre todos os povos para ser o povo do Senhor e para levar seu nome a todas as nações, cumprindo sua Palavra. Essa fé em um Deus único e invisível distingue Israel dos outros povos, que adoravam deuses fabricados por mãos humanas.

Enquanto aquela gente acampava no deserto, Moisés subiu ao monte para se encontrar com Deus. A Aliança fará de Israel um povo consagrado ao Senhor, como uma propriedade (Jr 2,3; Dt 7,6; 29,19). Tal como era entre os esposos, assim se tornou a Aliança entre o Senhor e Israel. Então, Moisés deve comunicar o que ouviu desse momento e ajudar as pessoas a cumprir sua parte nesse acordo (v. 3).

A instrução de Deus se inicia recordando os eventos passados no Egito. O Senhor guiou o povo no deserto e o fez livrar-se dos egípcios, carregando-o “como asas de águia” para demonstrar-lhe seu cuidado e ternura (v. 4; Dt 4,34; 29,2). A história passada confirma a presença de Deus junto a seu povo.

Por conseguinte, Deus convoca o povo para ouvir sua voz e cumprir sua Aliança. Seguindo essa condição, Israel se torna propriedade de Deus entre todos os povos (v. 5), pois toda a terra pertence a Ele. E o povo da Aliança é chamado de “reino de sacerdotes” e “nação santa”, caracterizando o efeito da Aliança para Israel.

Não deixeis que vos roubem a esperança

Papa Francisco



64 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra apresenta discursos do papa Francisco durante Audiências Gerais, a solenidade de Pentecostes e os domingos da Páscoa, realizados na praça de São Pedro, em Roma. Com orientações, palavras de fé e estímulo, está dividido em 16 pronunciamentos.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

A partir daí, na narrativa do livro do Êxodo, o povo se instala no deserto. Seguem-se inúmeros capítulos decorrentes da Aliança. A Palavra de Deus é dirigida aos israelitas em forma de Lei, preceitos a cumprir e modos de viver conforme a fé no Senhor. O povo partirá do Sinai em Nm 10,33-36.

2. II leitura (Rm 5,6-11)

Continuamos a acompanhar, neste e nos próximos domingos do Tempo Comum, a leitura da carta aos Romanos. O trecho desta liturgia está inserido na explicação que Paulo dá acerca do ser humano justificado em Cristo, a caminho da salvação.

De início, o autor recorda a condição humana antes da fé em Cristo. Éramos fracos, e Cristo morreu por todos os ímpios (v. 6). Se é difícil alguém dar a própria vida por um justo, muito mais difícil é dá-la por quem não merece, como no caso dos pecadores. No entanto, assim Deus demonstra seu amor pela humanidade: Cristo morreu pelos pecadores (v. 8). Desde então, o ser humano se encontra sob nova condição, está justificado, a caminho da salvação.

Nessa nova situação de justificados pelo sangue (vida, existência) de Cristo, seremos salvos da ira por sua vida (v. 9-10). Então, podemos nos gloriar em Deus por Jesus Cristo, por quem já recebemos a reconciliação.

Como na primeira leitura, esse texto mostra nossa pertença a Deus. Já não por meio de uma Aliança externa ao ser humano, mas pelo sangue de Cristo, que nos dá a condição de justificados, reconciliados e a caminho da salvação, como novo povo de Deus.

3. Evangelho (Mt 9,36-10,8)

Seguindo o tema da pertença a Deus, vemos, no Evangelho, que Deus não quer as pessoas para si mesmo, mas para os outros. O episódio narra a constatação da miséria da multidão e o envio dos doze discípulos.

Os primeiros versículos (9,36-38) servem como um prelúdio para a escolha do grupo dos discípulos. Ao ver aquela gente, Jesus se compadece, sente seus sofrimentos e necessidades. Ele se “move de compaixão”, como Deus em relação ao seu povo (Ex 34,5-6; Is 40,11).

O Evangelho compara as pessoas a “ovelhas sem pastor” (9,36). Essa imagem, presente desde o Antigo Testamento, descreve a necessidade de uma voz para nortear o rumo a seguir (Nm 27,17; 1Rs 22,17; Ez 34,5.8; Jr 50,6). Jesus é a Palavra de Deus encarnada que revela o mistério do amor do Pai.

Continuando a dirigir-se aos seus discípulos, Jesus faz uma constatação e uma recomendação em forma de parábola: “A colheita é grande, mas poucos os operários! Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para sua colheita” (9,37-38; Lc 10,2). Com isso, o discurso missionário seguinte fica preparado (Mt 10,1-11,1).

Jesus chama para si um grupo de doze discípulos. Esse número recorda as doze tribos de Israel (Mt 19,28), significando que aqueles eleitos em Cristo formam um novo Israel. A eles Jesus confere a autoridade (*exousia*) recebida do Pai para a missão. Cabe-lhes continuar a agir à maneira de Jesus: expulsando os espíritos impuros e curando os males e as enfermidades (10,1).

Em seguida, os discípulos se tornam apóstolos, isto é, enviados (10,2). Mateus só chama os seguidores de Jesus de apóstolos nessa passagem. A lista é encabeçada por Pedro, o “primeiro”, que serve de modelo aos outros. Depois vêm André (irmão de Pedro); os filhos de Zebedeu: Tiago e João; Filipe; Bartolomeu; Tomé; Mateus (o publicano); Tiago; Tadeu; Simão; Judas, o traidor. Então, Jesus dá recomendações ao grupo (10,5).

Eles são enviados ao antigo Israel, povo eleito na Aliança, não devem pegar o caminho dos pagãos e samaritanos e têm a missão

de proclamar que o “Reino dos Céus” está próximo (Mt 4,17). Mateus prefere essa expressão a “Reino de Deus” (exceto em Mt 12,28; 19,24; 21,31.43), comum nos outros Evangelhos, por causa da sensibilidade de seus leitores oriundos do judaísmo, no qual se evitava o uso do nome de Deus (Ex 20,7; Lv 19,12; 24,16; Dt 5,11).

Essa proclamação do Reino não consiste em palavras apenas. Ela se realiza por meio da cura dos enfermos, da ressurreição dos mortos, da purificação dos então chamados leprosos e da expulsão dos demônios (10,8). O que Jesus fazia, os discípulos estavam autorizados e empoderados para fazer também.

Os atos comunicam mais do que palavras. Os discípulos receberam de graça e assim deverão distribuir, pois são portadores da presença de Deus, o Espírito Santo, que repele o mal e torna possível a comunhão do ser humano com Deus. O missionário não transmite nada de si, mas de Deus, que o inspira para aquela ação.

III. PISTAS PARA A REFLEXÃO

Nossas realidades eclesiais e o mundo no qual vivemos estão repletos de pessoas que vivem como “ovelhas sem pastor”, sem um sentido maior para a vida, sem propósitos nem objetivos. As leituras deste domingo nos propõem sair em missão para nos encontrarmos com essas “ovelhas”.

Um poema de dom Helder Camara, divulgado e recordado no âmbito das missões, inicia-se assim: “Missão é partir, caminhar, deixar tudo, sair de si, quebrar a crosta do egoísmo que nos fecha no nosso Eu. É parar de dar voltas ao redor de nós mesmos, como se fôssemos o centro do mundo e da vida...”. A partida para a missão não consiste em um deslocamento de território, mas na conversão interior, na saída de uma existência em torno de si mesmo para uma vida oferecida, doada e significada na alteridade.

A força de sermos melhores

Vito Mancuso



384 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro discorre sobre a urgência de sermos diferentes, de mudarmos, de sermos melhores no sentido de realmente começarmos a existir. Reforça a capacidade que o ser humano tem de ser melhor.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

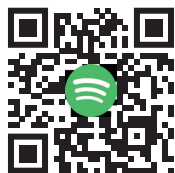
Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

Sejamos corajosos em responder ao Senhor. Ele conta conosco! Recebemos seu Espírito Santo para agir conforme Jesus Cristo e torná-lo presente no mundo atual. Saíamos para evangelizar e, quando necessário, usemos as palavras.

12º DOMINGO DO TEMPO COMUM

25 de junho



Professar a fé corajosamente

I. INTRODUÇÃO GERAL

Em meio ao contexto desafiador em que vivemos, somos convidados pela celebração eucarística a viver corajosamente nossa fé cristã. Os tempos são desafiadores e de rápidas transformações culturais, que afetam nossa vivência cristã. Somos provocados a ousar e não ter medo de professar nossa fé.

Naturalmente, temos uma tendência a tentar ultrapassar o imediato, arriscar novos horizontes, enfrentar perigos, buscar, criar e nos aventurarmos. Contudo, há uma reserva oposta, que tenta poupar-se e acautelar-se, como uma necessidade inata de evitar o perigo, de se afastar dos obstáculos, de se acomodar no passado, no conhecido, no que dá segurança.

Jeremias, o profeta da primeira leitura, nunca teria sido quem foi se tivesse se acovardado e fugido dos perigos de anunciar a Palavra do Senhor a alguns tão hostis. Paulo demonstra, na carta aos Romanos, a abundância da graça de Cristo no ser humano. O Evangelho, no contexto de envio à missão, encoraja a não ter medo (Mt 10,26.28.31). A confiança em Deus, que cuida de nós, é antídoto contra o medo (Mt 10,31).

Jesus é profundo conhecedor do coração humano. Ele sabe de que somos feitos e o que se passa no mais íntimo de cada um de nós. Por isso, sabe das nossas inseguranças e medos. Ademais, sabe do que nos espera e do que somos capazes. É assim que ele conta conosco!

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jr 20,10-13)

O livro de Jeremias recolhe oráculos e trechos biográficos relativos ao profeta-sacerdote de Anatot (Jr 1,1), que começou a atuar em 627 a.C. e morreu no início do exílio babilônico, por volta de 585 a.C.

O trecho da leitura se localiza entre os oráculos contra Judá (Jr 1,1-25,14). Jeremias era um defensor da fidelidade radical à Aliança e da confiança absoluta no Senhor. Por isso, apoiou o rei Josias (640-609 a.C.) em seu zelo religioso e em sua política antiegípcia, mas não na concentração exclusiva do culto em Jerusalém. Nunca deixou de proferir oráculos contra a falsa confiança posta no templo de Jerusalém (Jr 7,1-15).

Assim, o profeta sofre as consequências do que proclamava, em nome de Deus, ao povo, contra os reis. No v. 10, vê-se a multidão – mesmo os que aparentavam ser de paz – querendo o tropeço de Jeremias. Seus inimigos armam ciladas para pegá-lo. O profeta incomoda por denunciar os erros e os crimes de alguns da sociedade daquele tempo.

Entretanto, Jeremias se mantém firme na fé no Senhor, que permanece ao seu lado como um “poderoso guerreiro” (v. 12). Por isso, seus perseguidores tropeçarão e cairão nas próprias ciladas. Eles não obterão êxito contra o profeta e se envergonharão, por não conseguirem o que pretendem. A fé na presença do Senhor faz que Jeremias siga adiante destemidamente.

Em seguida (v. 12-13), Jeremias reconhece que o Senhor é justo e o louva pela justiça realizada. O profeta confiou no Senhor e lhe expôs sua situação de perseguição. Deus agiu, livrando-o dos malvados algozes. Em meio às adversidades, o profeta confia no Senhor e experimenta sua ação em seu favor.

2. II leitura (Rm 5,12-15)

A leitura da carta aos Romanos continua nos próximos domingos do Tempo Comum. No trecho de hoje, Paulo compara a ação de Adão com a de Cristo e seus respectivos efeitos para a humanidade.

O pecado, drama humano desde sempre, entra no mundo a partir de Adão (Gn 2,17; 3,1-9; Sb 2,24), e sua consequência é a morte (v. 12). Essa realidade separa o ser humano de Deus, fazendo que a comunhão originária se rompa e causando danos para a própria pessoa, para os outros e para a criação. O ápice dessa ruptura é a morte espiritual e eterna, da qual a morte física é sinal (Sb 1,13; Hb 6,1).

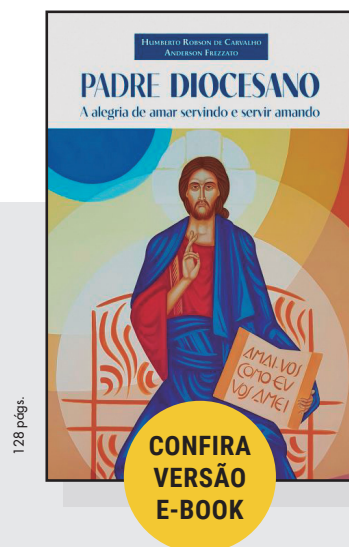
Paulo constata uma dimensão do ser humano antes de Cristo. Por conseguinte, a Lei vem para manifestar o pecado humano e fazer perceber sua força destruidora (v. 15). Todos eram pecadores à maneira de Adão. Então, Adão era figura, como uma imagem provisória, daquele que haveria de vir (v. 14).

Em contrapartida, o dom da graça em Jesus é incomparavelmente superior à transgressão de Adão. A nova realidade depois de Jesus Cristo supera o antigo regime da Lei e da condenação. Se foi por Adão que o pecado e, consequentemente, a morte entraram no mundo, por Cristo, o novo Adão, a humanidade experimenta a salvação, o perdão dos pecados, a abundância da graça de Deus e a eternidade (v. 15).

Deus reage ao pecado humano com seu amor, manifestado em Jesus Cristo. O pecado e seus efeitos não são maiores que a graça de

Padre diocesano: a alegria de amar servindo e servir amando

Humberto Robson de Carvalho /
Anderson Frezzato



Este livro apresenta os elementos que configuram a vocação do presbítero na vida da Igreja. Temas que constituem a identidade do padre diocesano e as quatro dimensões delineadas para a formação dos presbíteros: humana, espiritual, intelectual e pastoral.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

Deus para a humanidade. Se, infelizmente, em nossa vida, experimentamos o resultado do pecado, com maior intensidade e alegria contemplamos nela a repercussão da graça de Deus.

3. Evangelho (Mt 10,26-33)

Continuando a leitura do discurso da missão (Mt 10,1-11,1), o trecho do Evangelho deste domingo encoraja os discípulos a proclamar destemidamente o Evangelho recebido.

No período no qual o Evangelho de Mateus foi escrito, por volta do ano 80 d.C., a lembrança da execução de Jesus e da dos primeiros mártires era recente. A comunidade cristã sofria repressão e não tinha liberdade para falar, em todos os lugares, de Jesus Cristo. Muitas vezes, sofria penalidades por causa da fé em Jesus.

Então, as recomendações de Jesus animam seus seguidores a não ter medo (v. 26). O que receberam de Jesus de maneira velada – porque escapava à compreensão de muitos, antes de sua morte e ressurreição –, eles deveriam proclamar abertamente, até “sobre os telhados” (v. 27). A mensagem cristã não é destinada a um grupo seletivo, como um segredo para alguns iniciados, mas é universal, para os seres humanos de todos os tempos e lugares.

Jesus recomenda não temer nenhum julgamento ou processo humano, mesmo que leve à morte física (v. 28). O temor, enquanto reverência e reconhecimento, deve ser a Deus unicamente. Ele é quem pode verdadeiramente condenar alguém, mas não o faz, por amor ao ser humano. A missão dos discípulos pode custar-lhes a própria vida, e ainda assim vale a pena arriscar-se para transmitir a mensagem de Jesus.

Cada pessoa é valiosa para Deus e goza de sua ternura e compaixão. Se se vendem dois pardais por um asse (unidade monetária de pouco valor) e, mesmo assim, nenhum deles cai sem o consentimento de Deus, quanto mais valor tem um discípulo de Jesus (v. 29). Se até mesmo os fios de cabelo são contados por Deus, muito mais atenção ele dedicará a quem

vive a missão evangelizadora (v. 29-31). Essas imagens comunicam o cuidado de Deus com o ser humano, a obra-prima de sua criação (Gn 1,26; Sl 8,5).

Os últimos versículos (v. 32-33) evocam um cenário forense. Reconhecer Jesus diante das pessoas é ser reconhecido por ele diante do Pai. Quem corajosamente se mantém firme na fé e no testemunho do Evangelho receberá a “recompensa” de permanecer com Jesus e o Pai. De modo contrário, quem se deixa levar pelo medo experimenta a condenação eterna, por envergonhar-se do Evangelho e fechar-se em si mesmo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O que nos amedronta nos tempos atuais? Quais temores temos ao viver a fé cristã? Muitas situações paralisantes se apresentam diante de nós, desafiando-nos a professar a fé em Cristo.

Por um lado, verifica-se atualmente uma tendência ao indiferentismo religioso no tocante ao culto; por outro, vários líderes religiosos usam indevidamente o nome de Deus para promoção dos próprios interesses e enriquecimento ilícito. A fé em Cristo parece desnecessária para muitos de nossos contemporâneos.

Entretanto, a fé nos ajuda a encontrar sentido para a vida no mundo hodierno e a encarar as adversidades. A liturgia deste dia combate o medo e o acovardamento, que surgem com a insegurança e a falta da liberdade interior. As palavras de Jesus para não termos medo (Mt 10,26.28.31) devem ecoar interiormente e gerar confiança em Deus e no seu amor. Nós valemos muito, e Deus se importa conosco. Nenhum desafio é maior do que o amor de Deus por nós.

Eis o apelo à coragem! No mais profundo, todas as pessoas anseiam por algo que dê sentido à sua existência. O Evangelho deve continuar sendo proposto e poderá encontrar ouvintes da Palavra que se disponham à experiência da fé.

vp

COLEÇÃO SYNODOS



Ser Igreja sinodal é a busca de aprendermos a “caminhar juntos”, como irmãos e irmãs. Para ajudar a compreender melhor o tema, a PAULUS indica três obras essenciais da Coleção Synodos.

Confira!

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800-0164011
vendas@paulus.com.br
f i t @editorapaulus

Comunicação
para um mundo melhor


PAULUS



Participe do

SIMPÓSIO PAULUS DE TEOLOGIA, PASTORAL E BÍBLIA

Tema: Por uma nova cultura formativa – ministério presbiteral,
vida consagrada e ética

18 e 19 de setembro,
segunda e terça-feira, das 8h30 às 17h

Mais informações:
Tel.: (11) 5087-3630



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

